

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PRODUÇÃO CULTURAL

RENAN FERREIRA DE BRITO

**“ATÉ QUE NOS CHAMEM DE COLONIZAÇÃO REVERSA”  
O RACISMO ESTRUTURAL EXPOSTO NAS LETRAS DE RAP**

NITERÓI

2020

RENAN FERREIRA DE BRITO

**“ATÉ QUE NOS CHAMEM DE COLONIZAÇÃO REVERSA”  
O RACISMO ESTRUTURAL EXPOSTO NAS LETRAS DE RAP**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito obrigatório para obtenção do título  
de bacharel em Produção Cultural na Universidade  
Federal Fluminense.

NITERÓI

2020



COORDENAÇÃO DE  
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO  
CULTURAL

## ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao sexto dia do mês de Agosto de 2020, às dezoito horas, realizou-se de forma remota (online), excepcionalmente, em conformidade com a Decisão N°. 100/2020 de 21/05/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense, a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **"Até que nos chamem de colonização reversa" O racismo estrutural exposto nas letras de rap**", apresentado por **Renan Ferreira de Brito**, matrícula 115.033.029, sob orientação do(a) Prof(a). Rôssi Alves Gonçalves.

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): Dr<sup>a</sup>. Rôssi Alves Gonçalves

2º Membro: Dr. Denilson Araujo de Oliveira

3º Membro: Dr. Marildo José Nercolini

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

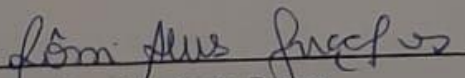
Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

10,0

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

  
Presidente da Banca

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

B862" Brito, Renan Ferreira de  
"Até que nos chamem de colonização reversa" : O racismo  
estrutural exposto nas letras de rap / Renan Ferreira de Brito  
; Rôssi Alves Gonçalves, orientadora. Niterói, 2020.  
76 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção  
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e  
Comunicação Social, Niterói, 2020.

1. Rap (música) - Aspectos sociais. 2. Hip-Hop (cultura  
popular) - Aspectos sociais. 3. Relações Raciais. 4.  
Produção intelectual. I. Gonçalves, Rôssi Alves,  
orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de  
Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Sandra Lopes Coelho - CRB7/3389

RENAN FERREIRA DE BRITO

**“ATÉ QUE NOS CHAMEM DE COLONIZAÇÃO REVERSA”  
O RACISMO ESTRUTURAL EXPOSTO NAS LETRAS DE RAP**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito obrigatório para obtenção do título  
de bacharel em Produção Cultural na Universidade  
Federal Fluminense.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Rôssi Alves Gonçalves (Orientadora)  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

---

Prof. Dr. Denilson Araujo de Oliveira  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

---

Prof. Dr. Marildo José Nercolini  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

NITERÓI

2020

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Gláucia e José Manuel, que sempre proveram tudo de necessário para que eu pudesse ter um ambiente de estudo saudável e prolífico. Além de todo amor que sempre tiveram em todos os outros aspectos da vida. Eu amo vocês.

À minha irmã Leticia, a quem muito amo, com quem sempre pude contar para qualquer coisa e por quem possuo grande admiração por sua determinação e coragem. Foi também ela que me ensinou a maior lição acerca do respeito ao outro e à diversidade.

À minha namorada Rahi, pois nossa história juntos ocorre paralelamente à minha decisão de mudar de curso e escolher a graduação em Produção Cultural. Foi também ela quem mais me incentivou em minha caminhada acadêmica e que me acompanhou mais de perto durante todo esse tempo, sempre fornecendo amor, carinho e tornando mais leve os momentos mais complicados. Se concluo com sucesso essa etapa da minha vida, ela foi a pessoa mais parceira que alguém poderia ter. Obrigado, meu amor!

A todos os meus amigos que sempre ajudaram a tornar a vida mais descontraída, especialmente aqueles mais próximos.

Aos professores da graduação de Produção Cultural que sempre trouxeram lições valiosas, principalmente aquelas que me fizeram enxergar o mundo de forma mais crítica. Houve diversas oportunidades em que saí encantado com as discussões realizadas em sala de aula.

À minha orientadora Rôssi Alves, por me acompanhar durante esse processo de desenvolvimento intelectual acerca do tema abordado nesse TCC, além das dicas de leituras e de escrita. Obrigado professora!

Ao Centro Cultural Cesgranrio, onde ingressei desde o 3º período como estagiário e onde hoje estou empregado na mesma área em que estudei durante o tempo de faculdade, sendo um importante ambiente de aprendizado acerca do ofício de produtor cultural. Em especial à minha ex-chefe Priscila Melo, que apostou em mim e teve participação ativa nesse processo de aprendizado.

Aos rappers, citados ou não nessa monografia, que apresentam uma visão de mundo de um lugar diferente de onde fui criado. Aguçando minha visão crítica sobre a sociedade e trazendo lições valiosas, por meio da arte, na luta para um mundo menos desigual.

À Deus que tudo provê e em tudo nos fortalece!

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	3
2.	AS CARACTERÍSTICAS DO RAP.....	6
2.1.	Identities Alternativas .....	6
2.2.	Rap de Mensagem.....	8
2.3.	Verdades, Lugar de Fala e Representações.....	11
3.	POR QUE O RACISMO É ESTRUTURAL? .....	17
3.1.	A construção do pensamento moderno e a exploração colonial .....	17
3.2.	Racismo Individual, Institucional e Estrutural .....	21
3.3.	A Naturalização do Racismo .....	25
4.	AS TEMÁTICAS DO RAP ACERCA DO RACISMO .....	34
4.1.	Desigualdades Socioeconômicas .....	35
4.2.	Sobre a violência.....	39
4.3.	A dimensão política .....	54
5.	CONCLUSÃO .....	59
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	62

## 1. INTRODUÇÃO

O rap é um gênero musical nascido dentro de um contexto, o da cultura hip hop, que engloba as artes plásticas (*grafitti*), a dança (o *break*), além da própria música (o rap). A versão mais conhecida de qual seria a origem do hip hop remete a meados da década de 1970, no Bronx, bairro suburbano da cidade de Nova York em que o DJ Kool Herc trouxe uma inovação estética na forma de tocar os discos que seria considerada a base desse novo estilo musical. Atualmente, há quem defenda que o hip hop já havia se originado na Jamaica e então levado para os Estados Unidos.

Não será aprofundado aqui esta discussão sobre o verdadeiro local de nascimento do hip hop. De uma forma ou de outra, é possível pensar que há uma correlação das fissuras presentes numa sociedade racialmente desigual com os ambientes em que o hip hop se proliferou. O Bronx era muito habitado e frequentado por negros e imigrantes latinos – o próprio DJ Kool Herc, a quem é atribuído a origem musical do hip hop, é jamaicano. Além disso, era também um bairro pobre, com diversos problemas sociais, especialmente a crise de habitação, tráfico de drogas e altas taxas de criminalidade. Os diversos locais abandonados ou destruídos faziam a região parecer uma zona de guerra. Essa condição das periferias não está isolada no tempo, ela ocorre, não apenas pela desigualdade estrutural, mas, naquele momento num contexto de crise econômica que assolou os Estados Unidos – e Nova York, especificamente – de forma muito intensa, gerando cortes em serviços sociais que afetou de forma muito mais acentuada a população periférica.

Desde já, pode-se destacar dois aspectos da cultura hip hop e do contexto onde se desenvolveu: a questão racial e a relação com a pobreza e a violência. Não tardou para que o rap, diante de sua própria proposta estética verborrágica, numa mescla de canto e falado, e observando o entorno e a relação com o território, e com influência daqueles que alguns anos antes haviam lutado pela igualdade racial, passasse a abordar questões mais sérias, de cunho social e adotasse um tom mais crítico, se tornando um hábito constante, até os dias atuais, desse gênero musical.

No Brasil, a cultura hip hop começou a tomar forma no início dos anos 80, incluindo os mesmos elementos: o *grafiti*, o *break*, e o rap, com muita influência do *funk* e *soul* estadunidenses. Da mesma forma, não é possível atribuir a uma origem única, embora os encontros ocorridos entre DJs, MC's, dançarinos e grafiteiros na região central da cidade de São Paulo sejam frequentemente considerados como o marco do início do hip hop no Brasil.



Na segunda metade dos anos 80 começaram a aparecer as primeiras gravações do rap nacional e o tom crítico já era presente. As características básicas, citadas anteriormente, - a relação com a negritude e a denúncia da pobreza, da violência e das desigualdades sociais - se reproduziram também aqui em solo brasileiro. Ainda que as letras de rap não se restrinjam exclusivamente a um discurso politizado, pode-se afirmar que esse é um dos elementos intrínsecos a essa manifestação cultural. A noção de que o rap deve conter uma mensagem, um conteúdo relevante, é constante até os dias atuais.

Um tema recorrente a ser abordado é o racismo, seja de forma explícita – destacando a negritude, a discriminação e o preconceito a ela associados - seja tocando em pontos que, à primeira vista, podem não parecer ter a ver com esse tema de forma direta, como a pobreza, a violência e o subemprego, mas que se observado de forma mais aprofundada, percebe-se como os temas estão profundamente interligados.

O racismo não deve ser debatido como um elemento exterior ao funcionamento normal da sociedade. Pelo senso comum, o racismo é entendido apenas como um tipo de atitude específica, individual, fácil de ser observada e, supostamente, fácil de ser remediada. Sem maiores consequências. Porém, essa noção não explica as profundas e permanentes desigualdades que podem ser observadas objetivamente quando comparamos os diferentes lugares ocupados na sociedade por sujeitos brancos e não-brancos. Essas desigualdades não existem por acaso, desde a modernidade até o mundo contemporâneo atual, elas se desenrolaram historicamente e estruturalmente. Por esse motivo, é possível perceber a organicidade com a qual o rap, enquanto gênero musical e o hip hop, enquanto manifestação cultural, abordam o tema do racismo.

Este trabalho se propõe a analisar como o rap nacional, buscando selecionar um espectro diverso de letras de músicas desse gênero, aborda as questões do racismo, levando em consideração aspectos das vivências relatadas pelos rappers e as formas como eles percebem a realidade em seu entorno. Os discursos produzidos por eles serão colocados diante de estudos acadêmicos que consideram o racismo como um elemento estruturante da sociedade em que vivemos e veremos como eles dialogam entre si.

Como pesquisador branco, de classe média e, sobretudo, como alguém que não vivencia as realidades retratadas nas letras de rap e as consequências geradas pelo racismo devo alertar que falo desse lugar social, buscando, ao máximo, não desrespeitar e nem me colocar como protagonista diante desses assuntos. Por esse motivo, buscarei nesse trabalho trazer as próprias narrativas dos rappers bem como valorizar e traçar um diálogo, sem hierarquizações, entre as representações propostas por esses sujeitos com as produções acadêmicas principalmente de

autores negros e autora negras que buscam expor as consequências das estruturas racistas presentes na nossa sociedade.

Segundo o professor Acauam de Oliveira:

“O que a periferia percebeu antes de todos é que esse modelo genocida de organização social, ancorado numa série de mecanismos herdados pela escravidão e aperfeiçoados durante a ditadura, não se voltava apenas contra aqueles considerados “criminosos”, tendo se convertido em norma geral, com aprovação quase irrestrita da opinião pública” (OLIVEIRA, 2018, p. 20)

Daí a necessidade de se valorizar os discursos trazidos por pensadores da periferia, analisando a arte do rap nesse trabalho específico. Afinal, como diz Mano Brown em uma de suas letras: “*eu não li, eu não assisti, eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama*” (RACIONAIS MC’S, 1997)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Racionais MC’s, “Negro Drama”, Álbum *Nada como um dia após o outro dia* (São Paulo, Cosa Nostra, 2002)

## 2. AS CARACTERÍSTICAS DO RAP

Em 2012, o cantor Caetano Veloso lançou um álbum que continha uma música que era uma ode à Bossa Nova, em termos mais despojados. O nome da música é *A Bossa Nova é Foda*. Nas análises mais tradicionais da história da música brasileira, o gênero encabeçado por Tom Jobim, Vinícius de Moraes e João Gilberto é considerado um dos maiores, senão o maior dos movimentos musicais já existentes no Brasil. No ano seguinte, o rapper Rael decidiu lançar uma versão voltada ao hip hop. E lançou uma segunda parte em 2014. Ao fazer uma referência explícita ao título da música de Caetano, é razoável supor que um dos objetivos de Rael era romper com essa noção hierarquizada de cultura que tende a valorizar algumas manifestações artísticas em detrimento de outras. Ou talvez ele só quisesse exaltar as qualidades e a importância cultural do hip hop. Em *O Hip Hop é Foda (Pt. 2)*, Rael o descreve da seguinte forma:

*Ele é papel, é caneta, é lição, som e letra  
 Ele é chão, é planeta, é visão de luneta  
 É loucão, tarja preta, é canhão, é beretta  
 É os neguinho de bombeta, ele é muita treta  
 É Sabota, é Bambaataa, é swing da lata  
 É resgate, é escada, é a voz das quebrada  
 Ele é hey!, ele é how!, ele é free, ele é show  
 Libertou, me mostrou quem eu sou  
 O Hip Hop é foda (RAEL, 2014)<sup>2</sup>*

Nesses versos, Rael apresenta alguns dos elementos inerentes à cultura, em especial à parte musical, o rap. Percebe-se no conteúdo dessas linhas: a linguagem coloquial; a capacidade de transmitir um conteúdo relevante; a representação de um estrato específico da sociedade; uma mensagem de esperança e libertação. Ao afirmar que o rap é “a voz das quebrada”, Rael mostra que há nessa manifestação artística uma relação de identificação entre o rap e o seu público alvo.

### 2.1. Identidades Alternativas

É comum, no rap, a externalização dos anseios, angústias e vivências das parcelas mais subalternizadas da população. O rap aparece não só como opção de consumo de entretenimento e diversão, mas também como crítica social, exposição das injustiças e das desigualdades

---

<sup>2</sup> Rael part. Emicida e MC Marechal, “O Hip Hop É Foda (Pt.2) [Remix]”, Álbum *Diversificando* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2014)

raciais. O que ocorre no rap não é apenas uma exposição distanciada da vida na periferia, mas a representação de todo um estilo de vida. De acordo com a cientista social Maria Eduarda Guimarães:

“Construímos uma identidade como uma narrativa de nós mesmos e também para o outro. Nesse sentido, a identidade é inseparável de uma narrativa e o rap – como narrativa de vida dos jovens negros, excluídos, das periferias dos grandes centros urbanos – aparece como uma forma de construção da identidade desses jovens. (GUIMARÃES, 2007, p. 175)

As identidades expostas pelos jovens dentro do hip hop surgem como um contraponto à noção de identidade nacional. Desde os anos 30, houve um esforço em estabelecer um conjunto de valores que representassem toda a nação brasileira. Culturalmente, o Brasil seria representado pelo samba, futebol, pela noção de cordialidade e pela valorização da miscigenação, com a existência de uma suposta boa convivência entre as raças. Porém, as narrativas defendidas por essa juventude subalternizada irão questionar, através das letras e das suas posturas, essa noção consensual ao perceber que não estão incluídas no pleno exercício da cidadania. Essa fragmentação identitária “é resultado, em parte, da dinâmica do processo de modernização desencadeado pelo capitalismo transnacional, característico da era da globalização.” (HERSCHMANN, 1997, p. 58)

Isso não quer dizer, absolutamente, que o rap brasileiro seja simplesmente uma cópia do rap que despontou nos Estados Unidos, uma impensada assimilação de uma cultura estrangeira em desvalorização aos bens simbólicos nacionais. É necessário atentar para o fato de que a noção consensual sobre as relações entre as raças vigente no Brasil está desconectada da real vivência dos pobres, negros e marginalizados que se enxergam muito mais nas situações descritas nos raps norte-americanos, de violência, de perseguição policial, de vulnerabilidades sociais e desigualdades.

Tampouco se pode afirmar que, por causa desse reconhecimento, o rap brasileiro assimilou cegamente todas as características do rap norte-americano. As produções brasileiras desde o início incorporaram outras características, seja na sonoridade, com a inclusão de referências musicais nacionais, seja nas letras, que retratavam uma realidade local. Afinal, o racismo no Brasil foi experimentado de forma diferente do racismo nos Estados Unidos. Portanto, embora em ambos os locais se sentisse as consequências do racismo, cada lugar tinha sua especificidade.

## 2.2. Rap de Mensagem

O surgimento e desenvolvimento do rap, tanto no Brasil, quanto nos Estados Unidos, contém algumas semelhanças. Em ambos os países a cultura hip hop surgiu nos estratos da sociedade que mais sofreram com as políticas de caráter neoliberal e consequente sufocamento dos investimentos em serviços sociais.

No caso dos Estados Unidos, o hip hop surgiu em meio aos efeitos sofridos pela crise econômica dos anos 70. O governo federal subsidiou as elites para a reconstrução de um centro de negócios em Nova York e isso ocorreu em detrimento da liberação das verbas federais para amenizar as fraturas sociais levando a um aumento da pobreza, das vulnerabilidades e da desigualdade. A pesquisadora americana Tricia Rose destaca essa questão relacionando-a com o recorte racial:

“Os negros e hispânicos representavam desproporcionalmente uma quinta parte da fração mais pobre (...) Desde esse período não houve investimento imobiliário destinado às pessoas de baixa renda, e negros e hispânicos foram levados a habitar áreas superpovoadas, dilapidadas e sem qualquer espécie de manutenção.” (ROSE, 1997, p. 197)

No Brasil, o rap surge nos anos 80, também conturbados política e economicamente. Declínio da ditadura, reabertura democrática, crise econômica, inflação galopante e prestígio do neoliberalismo era o contexto por aqui. Essa reabertura democrática, no entanto, não foi sentida nas camadas mais pobres da população em termos de exercer plenamente a cidadania. Pelo contrário,

“o balanço do neoliberalismo não corresponde às suas promessas: a economia – nos vários países e na economia mundial no seu conjunto – não retomou a expansão, a distribuição de renda no mundo piorou, o desemprego aumentou bastante, as economias nacionais ficaram sensivelmente mais fragilizadas, as crises financeiras se sucederam” (SADER, 2005, p. 20)

Nos Estados Unidos, não demorou para que os raps retratassem essa realidade em sua forma mais crua o possível. Em 1982, o grupo Grandmaster Flash & The Furious Five lançou a faixa *The Message* que continha versos como esses:

*Não tenho dinheiro para me mudar  
Eu acho que eu não tenho escolha  
Ratos na sala da frente e baratas nos fundos  
Viciados no beco com um taco de baseball  
Eu tentei fugir, mas eu não poderia chegar longe  
Porque o homem do caminhão de reboque levou o meu carro  
(GRANDMASTER FLASH AND THE FURIOUS FIVE, 1982)<sup>3</sup>*

<sup>3</sup> Grandmaster Flash and The Furious Five, “The Message” Álbum *The Message* (Nova Jersey, Sugar Hill Records, 1982) – tradução do autor

Aqui no Brasil não foi muito diferente. A vivência da cultura hip hop não prescinde do reconhecimento da rua, das sociabilidades, sobretudo com as camadas mais populares, e também da percepção da pobreza, da desigualdade e da violência presentes na sociedade, mazelas essas que tinham alvos bem definidos. Então, desde o início, o hip hop não foi uma manifestação apenas de lazer e entretenimento, mas de engajamento e posicionamento:

*Ritmo e poesia, eu traço muito bem  
O rap se baseia em pensamentos muito além  
Consciência enfim, reação leal  
Que mexe com o mundo relatando a moral  
Verbal, geral, social (SHARYLAINE, 1989)<sup>4</sup>*

No entanto, é importante ressaltar que os efeitos do neoliberalismo não fizeram surgir esse abismo social, eles agudizaram problemas crônicos pertencentes na sociedade brasileira, as opressões e o racismo sofridos pelas camadas mais pobres são estruturais e têm lastro histórico, algo que também foi reconhecido no rap:

*E como diz a Verde Branco<sup>5</sup>, o negro vai a guerra  
O negro ajudou a construir a nossa terra  
Hoje você discrimina, crítica a abolição  
Não lembra a pele branca na palma da mão (OS METRALHAS, 1989)<sup>6</sup>*

Ao escolher uma posição crítica, os rappers vocalizam as dificuldades sofridas por aqueles que compartilham o mesmo espaço: as favelas, periferias e comunidades mais pobres. A juventude negra que ocupa esses territórios pode reconhecer no rap uma retratação das necessidades das suas próprias realidades de uma forma muito mais precisa do que em outras manifestações artísticas ou pelas mídias tradicionais. Desse reconhecimento ocorre a formação de uma identidade alternativa.

Essa escolha por uma centralidade da mensagem feita pelos rappers acaba por marcar uma posição política ativa que tem diferentes nuances, podendo abordar: a apresentação dos desejos e condições de vida de uma determinada população, geralmente associada a um território; a denúncia das violências e vulnerabilidades que ocorrem com essas pessoas; o apontamento de responsáveis; a necessidade de reação e a proposição de soluções em escala micro e em escala macro. O sentimento de revolta pode aparecer com maior ou menor

<sup>4</sup> Sharylaine, “Nossos dias”, Coletânea *Consciência Black Vol.1* (São Paulo, Zimbabwe, 1989).

<sup>5</sup> Referência ao enredo de 1982 da escola de samba Camisa Verde e Branco, sobre a valorização da negritude.

<sup>6</sup> Os Metralhas, “Rap da Abolição”, Coletânea *O Som das Ruas* (São Paulo, Epic Records, 1988)

intensidade dentro desses matizes, e ele será proporcional à acidez dos discursos. As reações às narrativas dos rappers serão também proporcionais, variando desde a assimilação por veículos tradicionais de mídia até a censura e perseguição. Um exemplo de censura ocorreu em 2000 com o videoclipe da música “Isto aqui é uma Guerra”, do grupo Fação Central, que ao abordar a questão da violência na sociedade, foi considerado como apologético a práticas criminosas<sup>7</sup>. A música tem versos como:

*É uma guerra onde só sobrevive quem atira  
Quem enquadra a mansão, quem trafica  
Infelizmente o livro não resolve  
O Brasil só me respeita com um revólver (FACÇÃO CENTRAL, 1999)*<sup>8</sup>

Portanto, os rappers não apenas retratam uma realidade problemática, mas se colocam também como interventores em um processo social que está em constante disputa, o que leva a “uma compreensão dessa realidade através da linguagem, que como consciência prática está saturada por toda atividade social e a satura.” (WILLIAMS, 1979, p. 43)

De acordo com o antropólogo Néstor Garcia Canclini, a produção cultural deve ser definida como

“a produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a *compreensão, reprodução ou transformação do sistema social*, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação de sentido.” (CANCLINI, 1982, p. 29)(grifo meu)

Partindo dessa definição de Canclini, e ressaltando que a população subalternizada normalmente representada nas letras de rap são constantemente estigmatizadas, pode-se afirmar que a escolha dos rappers de marcar uma posição política muitas vezes contra sensual, auto definidora e de acordo com as suas próprias consciências e com o seu léxico, é uma prática, sobretudo, de liberdade. Para Roberto Camargos de Oliveira (2015, p.87), “o engajamento está mais ligado à liberdade e à responsabilidade pelas opiniões emitidas e posições bem marcadas”.

*Eu  
Um escritor da liberdade  
No meio do ódio e do massacre  
O homem com vários jurados  
E mesmo não culpado, eu digo  
O meu maior problema foi nascer fudido (XAROPE MC, 2018)*<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Conforme <https://archive.is/20141101134538/http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u1598.shtml#>

<sup>8</sup> Fação Central, “Isso aqui é uma guerra”, Álbum *Versos Sangrentos* (São Paulo, 1DASUL, 1999)

<sup>9</sup> Xarope MC part. Djonga, “Escritores da liberdade” (Salvador, Studio Perc, 2018)

### 2.3. Verdades, Lugar de Fala e Representações

Em 23 de maio de 2001, um garoto de 6 anos chamado Gustavo Vinícius viu o seu pai ser baleado na sua frente. Felizmente, o pai dele sobreviveu, Gustavo cresceu e se tornou rapper, adotando o nome artístico Coruja BC1. Exatos 18 anos depois, Coruja lançou o álbum “Psicodelic”<sup>10</sup> e logo na primeira faixa, “Lágrimas de Odé”, o MC narra o ocorrido:

*Eu lembro como hoje  
Eu, minha mãe, minha irmã no chão, medo, suspiro  
Eu com seis anos, vendo meu pai tomar seis tiros  
Sangue no chão do barraco no meio do gueto  
Ainda criança vi o que o sistema reservou pros pretos (CORUJA BC1,  
2019)<sup>11</sup>*

É muito comum o rap se apresentar com o objetivo de escancarar a realidade da melhor maneira possível, sem meias palavras. Nessa mesma canção, Coruja afirma, enfaticamente, num *flow*<sup>12</sup> agressivo: “*sistema filha da puta, minhas histórias são reais*”<sup>9</sup>. De fato, é muito comum os MCs apresentarem histórias de conhecidos, ou que ocorreram com eles mesmos, ou até de casos que ficaram conhecidos na mídia. Além disso, muitas referências a locais, a outras manifestações artísticas, a intelectuais, entre outros, também são realizadas, trazendo a arte deles mais próxima aos acontecimentos do mundo. Constantemente, essas referências à realidade são colocadas nas letras de forma a reforçar as críticas e a visão de mundo que os rappers construíram para si. Mesmo que uma determinada música não traga uma referência direta, os temas abordados são aqueles vividos pela população que normalmente não desfruta da cidadania, surgindo assim assuntos como a miséria, a violência, a criminalidade, o desemprego e o subemprego, o tráfico e o vício em drogas e a dificuldade ao acesso à saúde e educação, tudo isso ocorrendo num sistema que recorre a “estratégias que visam a obtenção de maiores lucros para os capitalistas, algo que implica, com frequência, um ataque aos trabalhadores e seus direitos.” (OLIVEIRA, 2015, p. 154) Essa característica do rap é muito importante pois pode ajudar a

“desvendar processos pouco conhecidos e raramente levantados pela historiografia (...) como uma fonte documental importante para mapear e desvendar zonas obscuras

<sup>10</sup> Conforme <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/na-mesma-data-que-viu-o-pai-ser-baleado-18-anos-antes-coruja-bc1-lanca-disco-psicodelic/>

<sup>11</sup> Coruja BC1, “Lágrimas de Odé”, Álbum *Psicodelic* (São Paulo, independente, 2019)

<sup>12</sup> O *flow* dentro do contexto do rap diz respeito à “levada”, ou seja, à forma como o rapper irá emitir as palavras. Seria a parte do arranjo da música reservada à voz. O *flow* pode ser mais cantado ou mais recitado, acelerado ou cadenciado e pode haver mesclas entre as várias possibilidades de *flow*.



da história, sobretudo aquelas relacionadas com os setores subalternos e populares” (MORAES, 2000, p. 203).

Esse trecho, inclusive, demonstra o quanto o olhar acadêmico pode estar defasado em entender uma realidade justamente pelo fato de que, por conta do racismo, ela foi historicamente ignorada. Inclusive, sobre isso, o rapper Emicida lembra enfaticamente o paradoxo de a população negra ser “*tema da faculdade em que não pode por os pés*”<sup>13</sup>

Atualmente, os produtores do “real trap”<sup>14</sup>, reivindicam para si o título dos que melhor retratam a realidade – por isso o nome. Considerando-se como representantes de um estrato da sociedade estigmatizado no senso comum, eles fazem questão de exacerbar nas suas letras um discurso contra hegemônico. Para isso, eles fazem uma escolha estética e discursiva de uma música mais acelerada, abusando das referências à criminalidade, à sexualidade – muitas vezes bastante machista – e ao uso de drogas, numa clara valorização do hedonismo, do politicamente incorreto e contra os valores normalmente presentes no senso comum, nas classes médias e nas elites.

*Botei no clipe arma de verdade  
Primeiro trap real, você sabe  
Tu não admite, mas isso é verdade  
Primeiro trap real, você sabe (...)  
Glock do Vasco, AK do Flamengo<sup>15</sup>  
Alemão, deixo teu sangue escorrendo  
Eu vendo drogas é desde pequeno  
Você é criado num apartamento  
Apostou corrida quando viu a tropa  
Só madeirada se brotar na reta  
Encosta na carga, o choque te acerta  
Bateram no rádio que é dia de opera  
Só lazer com os cria, piranha quer vrau  
Depois do baile é foto de FAL (BORGES, 2020)<sup>16</sup>*

Esse tipo de linguagem não é exatamente novo no mundo do rap, o que vai variar é o ponto de vista individual de um rapper para outro. O grupo Fação Central, alguns anos antes, já causou polêmica ao escolher retratar a realidade que enxergavam sem concessões discursivas, desde o título do álbum, “Versos Sangrentos”:

<sup>13</sup> Emicida part. Jota Ghetto, “Boa Esperança”, Álbum *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2015)

<sup>14</sup> De alguns anos para cá, têm surgido entre os produtores e consumidores de raps novas nomenclaturas para diferentes produções musicais desse meio. Entre elas estão o *trap*, o *plug* e o *grime* que remeterão a variações estilísticas, normalmente associadas à exploração de métricas, flows, número de bpm (batidas por minuto) e sonoridades menos tradicionais no meio do rap. Para esse trabalho, considerarei todos eles como rap e integrantes da cultura hip hop.

<sup>15</sup> Glock é um modelo de pistola. AK e FAL fazem referências à AK47 e ao ParaFAL, dois modelos diferentes de fuzil.

<sup>16</sup> Borges part. Flack e Meno Tody, “Real Trap”, single (Rio de Janeiro, BlakkClout, 2020)

*Filho da puta se joga no chão  
 Que o cheiro de sangue ta no ar  
 380, Glock 4 5, é hora de rezar  
 Seu crucifixo no pescoço ajuda bem pouco  
 Se respirar pá, se pensar, ratatá  
 Se piscar, é homem morto  
 A playboyzada de Mitsubishi, gravata, terno  
 Não empina o nariz quando o céu virar inferno  
 Beija meus pés na mira do ferro (FACÇÃO CENTRAL, 1999)<sup>17</sup>*

O que importa para esse trabalho, nesse momento, mais do que emitir quaisquer julgamentos é perceber que rappers fazem diversas escolhas ao escrever uma letra: o que falar, como falar, que valores defender etc. Essas escolhas irão variar de músico para músico, porém, de uma maneira geral, as temáticas selecionadas têm certas preferências. Isso ocorre porque, como venho destacando, os rappers emitem pontos de vista em direção a defender grupos sociais historicamente negligenciados e as experiências comuns a indivíduos dentro desses grupos. Por esse motivo, o rap é o gênero musical que mais abordará o racismo e as suas consequências. As escolhas por chocar, em suas letras, podem ter a ver com querer chamar atenção, fazer-se ser ouvido, porque esses discursos vêm de locais onde eles normalmente não são levados em consideração, pois “as experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado” (RIBEIRO, 2017, p. 63).

Para Djamila Ribeiro, a relevância do debate sobre lugar de fala deve ter a ver com os discursos produzidos nos lugares sociais (*locus* social) historicamente silenciados, pela mídia, pelos governos, pela academia e pela cultura hegemônica de uma maneira geral, ou seja, a invisibilização das narrativas produzidas por aqueles mais prejudicados nas relações de poder. Cabe ressaltar também que ao terem suas críticas ignoradas, as suas demandas também o serão. Em outras palavras, não serão criadas políticas satisfatórias de reparação de um determinado ambiente vulnerável porque aqueles que detém o poder não só não têm a real noção das verdadeiras necessidades daquele ambiente, como se beneficiam dessa subjugação. Por isso, constantemente são criados discursos contra aqueles que denunciam o racismo, normalmente associando-o a um exagero ou vitimização. Esse discurso reacionário parte sempre das camadas mais privilegiadas nas relações de poder, exatamente aqueles que não sofrem as consequências das opressões estruturais. É preciso, ainda, considerar que grupos sociais subalternizados podem ter diferentes características e sofrerem opressões de formas diferentes, diante das suas

---

<sup>17</sup> Facção Central, “Assalto a Banco”, Álbum *Versos Sangrentos* (São Paulo, 1DaSul Fonográfica, 1999)

localizações. Então, é sempre necessário considerar categorias como classe, raça, gênero e sexualidade. Por isso, apesar do rap partir de grupos subalternizados dentro da sociedade, é necessário considerar essas intersecções e nem sempre isso ocorre dentro dessa cultura, havendo reproduções de outras estigmatizações, como as de caráter machista e lgbtfóbicas. Para a filósofa brasileira, “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir” (RIBEIRO, 2017, p. 64).

*É engraçado mas não é brincadeira, viu?  
 Não toleramos mais o seu xiu  
 Ouça-me, ouça-me, ouça-me  
 (Vai presta atenção)  
 Ouça-me, ouça-me, ouça-me  
 (Vai presta atenção)  
 Ouça-me, ouça-me, ouça-me  
 Eu tentei falar baixinho mas ninguém me ouviu  
 Eu tentei com carinho e o sistema me agrediu  
 Então eu grito! Elevo o meu agudo ao infinito!  
 Pra mim não tem dilema, se tá difícil eu explico (REIS, 2016)<sup>18</sup>*

É importante observar que essa busca por retratar a realidade nunca ultrapassa em absoluto a barreira da representação “em todas as artes, a mimesis diz respeito à imitação da natureza, ou seja, a representação da realidade.” (WAGNER, 2016, p. 44). Ou seja, há nessas manifestações artísticas uma aproximação do real, um direcionamento à transparência e tem de se destacar que

“pensar as pontes que ligam a cultura e as vivências é fundamental, mas nunca na chave da transposição cristalina da realidade para o campo artístico/musical, uma vez que, ao se valerem das experiências, os rappers criaram representações do real” (OLIVEIRA, 2015, p. 136).

Os músicos, muitas vezes, buscam criar uma imagem dos lugares e das situações que vivenciaram para enfatizar que é necessária uma intervenção, uma mudança nos rumos tomados pela sociedade. Trazem os seus próprios testemunhos a fim de enfatizar a negligência da sociedade e da política institucional para com aqueles espaços:

*Crescendo fui vendo meus manos morrendo  
 E o cano fazendo pá-pá-pá  
 Eu vi na esquina as mina afundando a narina  
 E fazendo ra-tá-tá (NEGRA LI, 2018)<sup>19</sup>,*

<sup>18</sup> Tássia Reis, “Ouça-me RMX”, Álbum *Outra Esfera* (São Paulo, independente, 2016)

<sup>19</sup> Negra Li, “Brasilândia”, Álbum *Raízes* (São Paulo, White Monkey Recordings, 2018)

Entretanto é bom esclarecer que uma coisa não invalida outra. O rap é uma prática heterogênea e os rappers podem se utilizar dos vários recursos estilísticos possíveis numa poesia para realizar a sua crítica. Quando Edi Rock canta “*queria que Deus ouvisse a minha voz, e transformasse aqui num mundo mágico de Oz*” (RACIONAIS MC’S, 1997)<sup>20</sup>, ele usa uma metáfora para expressar seu desejo de mudança de um mundo injusto. O que ocorre no rap são as assimilações dos fatos, em seguida as interpretações e filtragens da realidade e, enfim, as emissões de juízos em forma estética:

*É, pra isso eu não posso ficar estático  
Então minha escolha foi ser um ser estético (DJONGA, 2019)<sup>21</sup>*

Mais do que a incorporação da realidade em si, o mais importante é que a mensagem que o rapper pretende passar, chegue ao seu interlocutor, ao seu público, e seja assimilada. E o público do rap, em boa parte das vezes, vem do mesmo lugar que o próprio artista. Isso explica, por exemplo, a predileção dos rappers pela linguagem informal, sem preocupação com erros de concordância do português formal. Quem tem aquele capital cultural, consegue assimilar a mensagem com precisão. Muitas vezes mais até do que alguém com estudos completos, mas que não conhece os códigos pertencentes àquela cultura.

“Para que um circuito discursivo qualquer se complete, é preciso que haja algum tipo de adequação entre suas significações e o sistema de representações dos receptores. Em outros termos, é necessário que o discurso produza alguma ressonância junto àqueles aos quais se dirige (...)” (MAGNANI, 1998, p. 54)

O fato de serem representações em nada invalida o seu objetivo ético, essa diminuição da opacidade traz uma maior verossimilhança para o público do rap. As vivências narradas mostram envolvimento emocional e trazem a sensação de legitimidade e cada rapper irá relatá-las por meio das suas interpretações e das suas bagagens intelectuais que devem ser valorizadas enquanto construções ideológicas antirracistas. A aproximação entre arte e realidade torna-se muito evidente, por exemplo, na letra de “Só os fortes”, da dupla 509-E que era formada por dois ex-detentos e narravam seus sentimentos e suas experiências na cadeia.

*Mais um dia que se vai  
Tranca é cela  
Justiça cega, saudades da favela  
Olha da ventana, o sol nascer quadrado (509-E, 2000)<sup>22</sup>*

<sup>20</sup> Racionais MC’s, “Mágico de Oz”, Álbum *Sobrevivendo no Inferno* (São Paulo, Cosa Nostra, 1997)

<sup>21</sup> Djonga part. Doug Now e Chris MC, “Voz”, Álbum *Ladrão* (Belo Horizonte, Ceia, 2019)

<sup>22</sup> 509-E, “Só os fortes”, Álbum *Provérbios 13* (São Paulo, Atração, 2000)

Durante toda a história epistêmica do Ocidente, houve uma busca científica para conhecer a realidade em todos os seus aspectos, isso fez com que os pesquisadores tivessem como norte pressupostos de neutralidade que acabaram por gerar exclusões e epistemicídios. Porque como aponta a professora Gislene dos Santos,

“Ao longo dos séculos, o conhecimento produzido apareceu como neutro, quando sabemos que isso era e é falso. A neutralidade assim como a imparcialidade, e a autoridade são construções ideológicas.” (SANTOS, 2010, p. 18)

Portanto, pode-se afirmar que os discursos presentes no rap são representações de áreas excluídas historicamente e comuns a uma vasta população oprimida, como consequência de um violento processo de colonização. Áreas essas majoritariamente habitadas por uma população negra que destituída de condições dignas de vida ficam à mercê das moradias precárias, da falta do saneamento básico, da dificuldade ao acesso a equipamentos de lazer, cultura e educação e do aliciamento dos jovens pela criminalidade que pode levá-los ao encarceramento e à morte. O rap pretende ser a “Trilha sonora do gueto”:

*Canto o crime, represento a favela  
As cadeia, as periferias e quem faz parte dela (REALIDADE CRUEL,  
2007)*<sup>23</sup>

As narrativas trazidas pelos rappers tensionam as relações de poder ao contestar as visões de mundo presentes no imaginário da sociedade e são ancoradas numa realidade constantemente ignorada, nas quais muitas pessoas conseguem se identificar:

*Vidas que se cruzam histórias reais  
Tão distante e tão iguais  
Numa quebrada do brasil bem perto de você  
Só muda o sotaque, o cep e o rg (INQUÉRITO, 2018)*<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Realidade Cruel, “Trilha Sonora do Gueto”, Álbum “*Dos barracos de madeirite aos palácios de platina* (São Paulo, Ng2 Music Store, 2007)

<sup>24</sup> Inquérito part. Pop Black, Diomedes Chinaski e Nicole, “Histórias Reais”, Álbum *Tungstênio* (São Paulo, independente, 2018)

### 3. POR QUE O RACISMO É ESTRUTURAL?

O primeiro ponto que é necessário esclarecer é o fato de que o termo “Racismo Estrutural” não se refere a um tipo específico de racismo. O racismo é sempre estrutural. O adjetivo ocorre porque o racismo é um dos elementos estruturantes da sociedade contemporânea de ascendência europeia. Nos mais diversos aspectos, é possível observar as desigualdades entre brancos e não-brancos: na economia, no Direito, nas políticas públicas, na produção do conhecimento, nos processos de socialização e, certamente, nas atitudes individuais diárias. Essa hierarquia racial, já naturalizada na sociedade, é perceptível através da observação da história das pessoas negras no mundo ocidental desde, pelo menos, o colonialismo e a escravização de negros e negras africanos, traficados para diversas colônias, como foi o caso do Brasil. Nos dias atuais, diversas pesquisas, em várias áreas, apontam como desvantagens sociais podem ser observadas, estatisticamente, tendo a raça como marcador social.

Ao decorrer desse capítulo, apresentarei algumas reflexões existentes acerca do racismo que o permitem pensa-lo como elemento estruturante e associarei a algumas letras de rap, mostrando o quanto é possível aliar o conhecimento produzido na literatura acadêmica aos discursos existentes em práticas culturais, afinal o rap sabe de onde vem o racismo.

#### 3.1. A construção do pensamento moderno e a exploração colonial

*“Mas se você é preto e tá na rua, eu tenho certeza que você é alvo  
Estereótipo é marcado já, só muda o cenário  
Já que seus traços, sua cor, sua pele é o que eles buscam  
Lá nos prédios ou nas vielas, pra botar nas viatura  
Tem mais de meio século, e eu to meio incrédula  
Venderam meus irmãos, e o nosso sangue é o que tá na cédula  
E que essa grana era suja, eu sempre soube, já me ensinaram” (PACHA  
ANA, 2018)<sup>25</sup>*

A transição da Idade Média para a Idade Moderna foi de grandes transformações na sociedade e na vida das pessoas. É o momento em que o Mercantilismo aparece em seus estágios iniciais, que há o aparecimento e o crescimento da burguesia enquanto classe social, que ocorre a queda do poder hegemônico da Igreja Católica, as expansões marítimas, a influência cultural do Renascimento e, posteriormente, filosófica do Iluminismo. Nesse momento, há a construção de um ideário filosófico que busca romper com o momento anterior. Se Deus era a figura de centralidade da Idade Média e a teologia era predominante, na Idade Moderna o

<sup>25</sup> Pacha Ana, Canto para Oyá, Álbum *Omo Oyá* (Belo Horizonte, independente, 2018)

antropocentrismo ganhará força e o *homem* será a referência e o principal objeto de estudo. Aqui a figura do *homem* será utilizada metonimicamente para simbolizar toda a humanidade e o destaque dado ao gênero não é por acaso. Importante ressaltar que não se trata de qualquer homem, mas do homem branco e europeu, que é o padrão de referência universal.

É nesse contexto em que a racionalidade e a neutralidade serão valorizadas para a construção do conhecimento científico que se utilizará da observação, da comparação e da classificação como ferramentas filosóficas e de análise científica. Com a expansão marítima, outros grupos humanos passaram a ser conhecidos e estudados pelos europeus. Como esses seres humanos habitavam outros lugares, tinham outras culturas e diferenças fenotípicas, o homem branco europeu, tendo a si mesmo como referência, passou a categorizá-los de forma a considerá-los uma raça inferior. É nesse momento que “surge então a distinção filosófico-antropológica entre civilizado e selvagem” (ALMEIDA, 2018, p. 21). O “fardo do homem branco” seria o de levar a civilização e o conhecimento aos povos supostamente primitivos de outras terras.

É por esse motivo que o conceito de *raça* foi tão importante. O *racismo científico* teve grande repercussão sobretudo no século XIX e essa corrente defenderá que entre os seres humanos existem *raças* mais ou menos evoluídas biologicamente. Esse discurso foi bastante eficiente, afinal estava ancorado numa suposta imparcialidade científica, com toda a autoridade. Dessa forma, a violência é justificada e naturalizada, afinal há uma “projeção que se faz de todas as características e valores negativos que os humanos possuem em um Outro (...) que passariam a representar toda a negatividade” (SANTOS, 2010, p. 16). Não há na natureza diferenças entre seres humanos que justifiquem a categorização em raças, a racialização é um dispositivo ideológico. Os rappers do grupo Antiéticos apontam para essa questão quando afirmam que “*pode não haver raça, mas existe o racismo*” (ANTIÉTICOS, 2014)<sup>26</sup>. Em outras palavras, a raça é um dispositivo criado para justificar a superexploração, sustentada na discriminação sistemática.

“(...) é nesse contexto que a raça emerge como um conceito central para que a aparente contradição entre a universalidade da razão e do legado iluminista, o ciclo de morte e destruição do colonialismo e na escravidão possam operar simultaneamente como os fundamentos irremovíveis da sociedade contemporânea” (ALMEIDA, 2018, p. 22)

Assim, pode-se relegar o sujeito racializado ao *status* de objeto, que serve tão somente para a exploração do seu trabalho. Então, se um sujeito escravizado é torturado ou morto, não

<sup>26</sup> Antiéticos, “Nós por nós”, Álbum *Ética Molotov* (Rio de Janeiro, Mondé, 2014)

há culpa. A rapper Pacha Ana chama atenção para a desumanização na música “Poder para o povo preto”: “*Hoje citam alma negra, mas os preto nem tem alma, era isso que diziam quando entravam na senzala*” (PACHA ANA, 2018).<sup>27</sup> A brutalidade do colonialismo e a capacidade de dominação dos povos colonizados é colocada nos seguintes termos pelo filósofo e psiquiatra martinicano Frantz Fanon:

“Assim, numa primeira fase, o ocupante estabelece a sua dominação, afirma maciçamente a sua superioridade. O grupo social, subjugado militar e economicamente, é desumanizado segundo um método polidimensional. Exploração, torturas, razias, racismo, liquidações coletivas e opressão racial revezam-se em planos diferentes de modo a fazer, literalmente, do autóctone um objeto nas mãos da nação ocupante. Este homem objeto, sem meios de existir, sem razão de ser, é quebrantado no mais profundo de sua existência.” (FANON, 2019, p. 67)

Para Marx, a exploração colonialista é inseparável da forma como o modo de produção capitalista surgiu. Ou como afirmam os rappers Nega, Primitivo e Strumiê em “Som de Festa”: “*o capital estrutura tudo, inclusive o racismo*” (NEGA MC *et al*, 2019)<sup>28</sup>. O filósofo alemão diz o seguinte, n’O Capital:

“A descoberta das terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio, a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles-negras que caracterizam a aurora da era de produção capitalista. Esses processos idílicos<sup>29</sup> constituem momentos fundamentais da acumulação primitiva (...) Tais métodos, como por exemplo, o sistema colonial, baseiam-se, em parte, na violência mais brutal.” (MARX, 2013, p. 820)

No caso brasileiro, o modo de produção de capitalismo era exclusivamente dependente do escravagismo, algo que, certamente, gera diferentes formas de sociabilidade ao ter a escravidão e a conseqüente inferiorização de negros e negras normalizadas em nossa sociedade.

“(…) a escravidão teve caráter marcadamente mercantil no Brasil, assinalando-se pela exploração impiedosa do escravo com o fim de produzir os bens demandados pelo mercado europeu. Tivemos, com toda evidência, uma escravidão “industrial”, na acepção de produtiva. Por isso mesmo, ela serviu de base a um sistema de produção, ou seja, a um modo de produção peculiar, o *modo de produção escravista colonial*.” (GORENDER, 2019)

É possível perceber uma grande contradição entre a defesa do liberalismo que ocorre no argumento de pensadores como Adam Smith, por exemplo, e a brutalidade ao qual as colônias foram submetidas pelos países europeus. O que ocorre é que, na prática, a “liberdade” pregada

<sup>27</sup> Pacha Ana, “Poder para o povo preto”, Álbum *Omo Oyá* (Belo Horizonte, independente, 2018)

<sup>28</sup> Nega MC, MC Primitivo, Strumiê, “Som de Festa”, *single* (São Carlos, independente, 2019)

<sup>29</sup> Há aqui uma ironia. A argumentação utilizada por capitalistas sobre o seu enriquecimento aludiria exclusivamente ao pacífico método do mérito pessoal do liberal que se esforçou e soube poupar. Um mito que desconsidera o caráter violento do colonialismo e o papel essencial que ele desempenhou nesse processo de acumulação.



na modernidade era voltada mais para a defesa da propriedade privada do que para a vida humana em si. Essa questão da motivação econômica por trás da expropriação das riquezas está presente nos versos do grupo Voz sem Medo:

*Procure ler, se informar, pra também saber  
O que fizeram os europeus por aqui, pode crer  
Acabaram com tudo, nossa riqueza,  
Manufaturas arrancadas (VOZ SEM MEDO, 2010)<sup>30</sup>*

O colonialismo foi, então, um processo de exploração violenta que garantiu o enriquecimento que serviu como alicerce para o desenvolvimento do capitalismo nas metrópoles que não se replicou nas colônias e entre os grupos racializados – especificamente negros e negras – algo que perdura até os dias atuais.

Essa rápida revisão histórica é importante para observarmos em que momento e por quais motivos o racismo foi introjetado e perpetuado na sociedade contemporânea. Localiza-se o racismo como um fenômeno surgido na Modernidade que também definiu o modelo econômico e político capitalista que é predominante no mundo atual. Esse modelo não apenas se desenvolveu concomitantemente ao racismo, mas dependente dele.

A permanência do racismo aliado à questão econômica é abordada pelo rapper Don L, quando ele afirma que: “os ricos são os donos do Estado/ Que ainda são os filhos dos senhores de escravos” (DON L, 2017)<sup>31</sup>. Mesmo com as mudanças ocorridas ao longo do tempo, sobretudo no século XX, que afetaram as relações sociais e econômicas, seja individualmente entre as pessoas, seja institucionalmente, entre empresas e nações, o racismo sempre esteve presente. Na potente faixa intitulada “Corra”, o rapper Djonga faz uma alusão à violência colonial:

*Éramos milhões, até que vieram vilões  
O ataque nosso não bastou  
Fui de bastão, eles tinham a pólvora  
Vi meu povo se apavorar  
E às vezes eu sinto que nada que eu tente fazer vai mudar (...)  
Eles são a resposta pra fome  
Eles são o revólver que aponta  
Vocês são a resposta porque tanto Einstein no morro morre e não desponta  
Vocês são o meu medo na noite  
Vocês são mentira bem contada*

<sup>30</sup> Voz sem medo part. Djelane, “Brasil 500 anos (Falso Sistema)” Álbum *Participações* (Brazlândia, independente, 2010)

<sup>31</sup> Don L part. Nego Gallo, “Aquela Fé”, Álbum *Roteiro para Ainouz (Vol. 3)* (São Paulo, independente, 2017)

*Vocês são a porra do sistema que vê mãe sofrendo e faz virar piada, porra*<sup>32</sup>  
(DJONGA, 2018)

Nesse trecho, o rapper não apenas denuncia os problemas causados pelo colonialismo, como também faz a ponte da violência sofrida pela população negra hoje em dia à exploração colonial. No verso “fui de bastão, eles tinham a pólvora”, Djonga faz essa alusão histórica ao colonialismo que estabeleceu “a porra do sistema” calcado na discriminação racial que faz com que até os dias atuais tantos “Einsteins no morro” encontrem a morte antes de despontar, evidenciando a continuidade do racismo.

O distanciamento histórico nos faz perceber que, mesmo após a abolição, as desigualdades raciais se mantiveram de diversas maneiras, muitas vezes de um jeito disfarçado. Por causa dessa plasticidade do racismo é possível inferir que enquanto não ocorrer uma mudança significativa em nossa estrutura societária, ele vai continuar existindo.

### 3.2. Racismo Individual, Institucional e Estrutural

*“Aê, nessa equação, chata, polícia mata, plow!  
Médico salva? Não!  
Por quê? Cor de ladrão  
Desacato? Invenção, maldosa intenção  
Cabulosa inversão, jornal: distorção (EMICIDA, 2015)”*<sup>33</sup>

De acordo com o livro de Silvio de Almeida (2018), “O que é racismo estrutural?”, existem três concepções que o racismo pode assumir: individual, institucional e estrutural. Apresentar essas concepções categorizadas não significa dizer que elas ocorram de forma independente umas das outras. As formas individuais e institucionais ocorrem por causa do caráter estrutural do racismo.

O *racismo individual* é aquele cometido por um indivíduo ou por um grupo que agiriam isoladamente de uma maneira considerada errada, condenável. Cometeriam uma discriminação explícita contra sujeitos ou grupos negros. O modo de enfrentamento seria através da conscientização e/ou sanções legais obtidas pelo meio jurídico. Um exemplo ocorreu em março desse ano, num shopping na cidade do Rio de Janeiro, onde uma mulher branca foi detida por xingar diversas vezes uma mulher negra de “macaca”<sup>34</sup>. O ocorrido foi filmado e a mulher

<sup>32</sup> Djonga part. Paige, “Corra”, Álbum *O menino que queria ser Deus* (Belo Horizonte, Ceia, 2018)

<sup>33</sup> Emicida part. Jota Ghetto, “Boa Esperança”, Álbum *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2015)

<sup>34</sup> Cf <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/mulher-e-pres-a-por-xingar-negra-de-macaca-em-shopping-no-rio-de-janeiro/>

branca foi presa em flagrante. Outro exemplo, esse mais grave, ocorreu em 2015 quando um supremacista branco entrou numa igreja na cidade de Charleston (EUA) e metralhou nove pessoas negras.<sup>35</sup>

Essa concepção, no entanto, é limitada pois se reduz a um aspecto comportamental e intencional que não dá conta de abordar o racismo em toda a sua complexidade. Muitas vezes o racismo individual é o único a ser percebido pelo senso comum, porque ele é explícito, o que faz com que muita gente considere que ele ocorra de forma pontual – daí o motivo de surgir a frase dita em 2019 pelo atual presidente da república: “essa coisa do racismo, no Brasil, é coisa rara” (ROMANO, 2019).<sup>36</sup> Restringi-lo a uma atitude equivocada e/ou ilegal é assumir que o racismo não pode se perpetuar mesmo sem intencionalidade ou até dentro da legalidade e isso contribui para a manutenção desse problema.

O *racismo institucional* ocorre através do funcionamento normal das diversas instituições privadas e públicas que existem na sociedade que, de forma direta ou indireta, atribuem vantagens e desvantagens a diferentes indivíduos de acordo com a cor da pele. As instituições são entendidas aqui como “(...) modos de orientação, rotinização e coordenação de comportamentos que tanto orientam a ação social como a torna normalmente possível, proporcionando relativa estabilidade aos sistemas sociais” (HIRSCH, 2007, p. 26). Ou seja, são as instituições que orientam as ações dos indivíduos. Numa sociedade que já se estabeleceu de forma racialmente hierarquizada, “as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos” (ALMEIDA, 2018, p. 30). Essa concepção é menos óbvia e, por isso, muito menos percebida pelo senso comum pois “se origina na operação de forças estabelecidas e respeitadas na sociedade e, portanto, recebe muito menos condenação pública do que o primeiro tipo” (TURE e HAMILTON, 1967, p. 3). Entretanto, mesmo que receba menos condenação pública, não significa dizer que impactam menos a vida de pessoas negras. Anteriormente dei um exemplo de um jovem branco que matou 9 pessoas negras, uma atitude certamente abjeta e condenável. Porém, ao avaliarmos a letalidade das polícias brasileiras, veremos que cerca de 75% das mortes causadas em 2019 são de pessoas negras.<sup>37</sup> Outro exemplo que pode ser dado é

---

<sup>35</sup>Conforme <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,supremacista-branco-e-condenado-por-matar-9-negros-em-igreja-de-charleston,10000094906>

<sup>36</sup>Conforme <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/racismo-no-brasil-e-uma-coisa-rara-diz-bolsonaro-a-luciana-gimenez/>

<sup>37</sup>Conforme <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/anuario-da-violencia-75-dos-mortos-pelas-policias-brasileiras-sao-negros>

a falta de saneamento básico em áreas majoritariamente habitadas por uma população negra. De acordo com Juliana Gonçalves:

“... as mulheres são as mais afetadas pelo acesso precário à água e saneamento. Especialmente as mulheres negras. Diretamente atingidas como consequência de uma estrutura machista que as coloca como cuidadoras da casa, são elas que têm um maior contato com a água contaminada e com outras pessoas que adoecem por conta da infraestrutura de saneamento. (GONÇALVES, 2020)<sup>38</sup>

Esse exemplo mostra como as negligências e as atitudes irresponsáveis adotadas pela polícia (no primeiro exemplo) e pelos governos, de qualquer esfera, (no segundo exemplo) atinge as pessoas negras de uma maneira muito mais contundente, mais até que os exemplos dados anteriormente de racismo individual que, por sua vez, costumam ser midiaticamente mais explorados por serem, em geral mais apelativos visualmente e mais fáceis de serem percebidos. O racismo institucional pode ser mais perigoso, causar mais mortes e ser menos observado e cobrado pela opinião pública.

Isso não ocorre por acaso. As instituições, em geral, são conduzidas por pessoas brancas e por elites políticas e econômicas normalmente insensíveis às demandas da população negra e mais pobre. São estruturas organizacionais configuradas de uma maneira a repetir alguns padrões e valores que manterão os privilégios da branquitude praticamente intactos. Tomar uma atitude antirracista requereria uma quebra na inércia da repetição dos padrões racistas, o que faz com que seja algo mais difícil de ocorrer. A letra de rap destacada no início desse tópico é de “Boa Esperança”, do rapper Emicida. São colocados três exemplos de ocorrência de racismo institucional: na polícia, nos hospitais e nos meios de comunicação. A polícia opera seguindo a repetição de um padrão que costuma associar negros à criminalidade. Os meios de comunicação reproduzem em larga escala essa noção, que não só estigmatiza como contribui para que essa questão da arbitrariedade policial receba aprovação em meio ao debate público. Por fim, há a citação a casos de negligência ao atendimento por conta desse estereótipo. Em nenhum desses casos há uma discriminação anunciada contra pessoas negras, mas há a reprodução de comportamentos que invariavelmente as atingem preferencialmente.

O racismo nas instituições ocorre porque elas materializam algo que está presente na sociedade como um todo. Ou seja, as instituições não criam normas e padrões racistas, elas as reproduzem porque estão vinculadas a uma ordem social que se *estrutura* de forma racialmente hierarquizada, onde há relações de poder em que existem grupos raciais hegemônicos e subalternizados. Essa hierarquização estrutural está relacionada ao processo histórico de

---

<sup>38</sup> <https://theintercept.com/2020/01/21/a-crise-da-agua-no-rio-de-janeiro-e-a-necropolitica-pela-torneira/>

formação da nossa sociedade que engloba os campos da economia, da política, constitui as subjetividades e, conseqüentemente, todas as formas de relações sociais. Ela ocorre de forma normalizada e generalizada. Em resumo, o *racismo é estrutural*, fazendo com que haja uma discriminação sistemática da população negra. De acordo com Jones Manoel, o racismo pode ser definido como:

“um complexo social, político, ideológico e econômico que constitui o branco como um padrão universal e ideal de tudo de positivo (beleza, força, inteligência, honestidade, civilidade etc.), criando uma gramática social que é imposta e reforçada a partir de uma série de aparelhos ideológicos e práticas materiais que emergem das condições de produção e reprodução da vida baseadas no antagonismo fundamental entre produtores e apropriadores da riqueza” (MANOEL, 2019).<sup>39</sup>

A classe dominante de ascendência europeia historicamente se enriqueceu às custas da exploração de diversos países em vários pontos mundo. No caso do Brasil, essa opressão ocorreu por meio da escravização de negras e negros africanos de forma constante, sendo inclusive o principal destino desses sujeitos em todo o mundo. A relação entre racismo e capitalismo perdura ainda hoje na medida que “a racialização tem plena efetividade enquanto sistema de produção sistemática de desigualdades” (MANOEL, 2019) cumprindo, dessa forma um papel de sustentação do capital. Sobre essa hierarquização social e a relação com o capitalismo, a pesquisadora Rosane Borges afirma o seguinte:

“Quando analisamos com um mínimo de atenção os papéis dos não brancos no mundo, veremos a posição subalternizada, de classe, que a raça lhes atribui na dinâmica de exploração do capital. No Brasil, os negros ocupam os postos de trabalho de menos prestígio, habitando em larga escala o lugar dos que nada têm, a despeito das significativas mudanças nas últimas décadas. Racismo é, portanto, um dínamo do capitalismo” (PRATES).<sup>40</sup>

Tanto o capitalismo quanto o racismo não são apenas mantenedores do privilégio econômico da classe dominante – essa, associada à branquitude. São também criadoras de justificativas, de consensos acerca da sua suposta naturalidade, normalizando as diferenças materiais entre brancos e não brancos. Ela ataca, portanto, as subjetividades. Não poderia ser de outra maneira, caso contrário não seria moralmente aceita pela maioria da população.

Por esse motivo, o racismo é reproduzido nas relações interpessoais, nas instituições, no meio jurídico, nas empresas, nas políticas públicas, nas representações midiáticas, nas atuações das polícias gerando diferenças salariais, diferenças de oportunidades de empregos, estigmatizações, mortes etc. E é importante ressaltar um aspecto dessa reprodução automática do racismo que é a dispensabilidade de intenção. Ou seja, o racismo não é *somente* uma

<sup>39</sup> <https://blogdaboitempo.com.br/2019/11/28/duas-teses-sobre-a-questao-racial-no-brasil/>

<sup>40</sup> Entrevista de Rosane Borges para Fábria Prates, para o Instituto Goethe. <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/hum/21249390.html>

discriminação direta que tem grupos raciais como alvos de forma ativa e ostensiva, mas também em inúmeras formas pouco visíveis e, às vezes, até mais perigosas para os sujeitos racializados e isso decorre

“(…) do modo normal com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. *O racismo é estrutural*. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (ALMEIDA, 2018, p. 38)

A questão do lastro histórico, da formação de um *ethos* que estigmatiza a população negra, da desumanização decorrente do racismo científico e continuado mesmo após o declínio dessa hipótese, enfim, de todos os elementos que conferem ao racismo um caráter estruturante, são resumidos em três versos cantados por Amiri, na participação que fez na música Mandume:

*Mas mano, sem identidade, somos objetos da História  
Que endeusa “herói”, forja, esconde, os retos na História  
Apropriação há eras desses, tá repleto na História (EMICIDA, 2015)<sup>41</sup>*

### 3.3. A Naturalização do Racismo

*“Curta o tour pelo país mais racista do mundo  
Negros perseguidos pelo Estado, ceifados por 12 pump<sup>42</sup>  
Essa é a democracia racial de sangue” (TADDEO, 2020)<sup>43</sup>*

Ao longo do século XIX a escravidão foi um elemento presente de forma generalizada na sociedade. Costuma-se achar que os escravos serviam apenas aos grandes latifundiários em zonas rurais e isso não é exatamente verdade. O Brasil, desde o início do seu desenvolvimento econômico teve a escravidão como elemento base. Ao longo dos séculos, os produtos principais de exploração econômica variaram, da cana de açúcar ao café, porém o modelo escravagista sempre esteve presente. No Brasil Imperial, sob influência do liberalismo europeu, a importância da propriedade privada era central para a participação na vida pública e “a mais importante e valiosa das propriedades, o escravo, era acessível a um grande número de brasileiros (...) Essa propriedade acessível e democratizada era um elemento muito importante de socialização.” (VELLOZO e ALMEIDA, 2019, p. 2144). O sujeito escravizado estava

<sup>41</sup> Emicida part. Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike, Raphão Alaafin, “Mandume, Álbum *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2015)

<sup>42</sup> *12 pump* refere-se a um tipo de espingarda, também conhecida como A12.

<sup>43</sup> Eduardo Taddeo, “Democracia Racial de Sangue”, Álbum *Necrotério dos Vivos* (São Paulo, independente, 2020)

subjugado a ricos, pobres, nas áreas rurais, em centros urbanos e, em alguns casos, até a escravizados. A inferiorização da população negra, submetida à escravidão, era completamente universalizada e, portanto, normalizada de tal forma que todas as relações sociais, econômicas, políticas e jurídicas<sup>44</sup> estavam perpassadas pelo racismo, no que Júlio Vellozo e Silvio de Almeida chamaram de “pacto de todos contra os escravos”.

Em qualquer cultura ou sociedade, as pessoas crescem assimilando os valores, signos, costumes, a moral, idioma etc. presentes naquele ambiente. O ser humano é “o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam” (LARAIA, 2008, p. 45). Se o racismo, a violência contra os sujeitos escravizados, a estigmatização frequente de homens negros e mulheres negras são elementos tão entranhados e banalizados nessa sociedade, e de uma maneira tão forte que mediava as relações sociais, a pessoa que desenvolve a sua formação intelectual nesse ambiente, fatalmente reproduzirá esses estigmas, inclusive negros e negras que, se não perceberem a injustiça que essa sociedade lhes impõe, poderão também internalizar essa inferioridade.

“a vida cultural e política (...) é constituída por padrões de clivagem racial inseridas no imaginário e em práticas sociais cotidianas. Desse modo, a vida ‘normal’, os afetos e as ‘verdades’ são inexoravelmente perpassados pelo racismo, que não depende de uma ação consciente para existir” (ALMEIDA, 2018, p. 50)

A naturalização da inferiorização de negros e negras ocorre desde a colonização pelos portugueses, e, evidentemente, “os quatrocentos anos de escravismo foram definitivos na plasmação do *ethos* do nosso país. Penetrando em todas as partes da sociedade, injetando em todos os seus níveis os seus valores e contravalores(...)” (MOURA, 1983, p. 124). A abolição só ocorreria no ano de 1888 – o Brasil foi o último país a decretar o fim da escravidão. No entanto, a sociedade brasileira obviamente não deixaria de estigmatizar os sujeitos negros por causa de uma lei. No momento da abolição, já era corrente uma ideologia, baseada nas teses de Cesare Lombroso e Arthur de Gobineau – representadas no Brasil por pessoas como Nina Rodrigues, Silvio Romero e Oliveira Viana – que acreditava que o negro tinha uma predisposição natural à violência, à criminalidade, à delinquência e à preguiça. Então, no final do século XIX e início do século XX, a questão racial foi tratada de maneira ainda persecutória. Negros e negras não foram apenas abandonados à própria sorte numa sociedade que os subalternizou e violentou durante séculos, a dificuldade ao exercício da cidadania foi

---

<sup>44</sup>“Conforme classificação de Teixeira de Freitas, Consolidação das Leis Civis (1858), os escravos pertenciam à classe de bens móveis, ao lado dos semoventes. Cos os semoventes figuravam nos contratos de terras como bens acessórios dos imóveis”. (PRUDENTE, 1988, p. 136)

incentivado por meio de um extenso arcabouço jurídico: o acesso à terras<sup>45</sup> era vedado, suas práticas culturais e religiosas foram criminalizadas<sup>46</sup>, as possibilidades de participação política eram nulas<sup>47</sup> e existia ainda a intenção de embranquecimento da população – havendo, inclusive, um esforço para a vinda de imigrantes europeus, gerando maior dificuldade de negros ao acesso a postos de trabalho<sup>48</sup> – dada a noção de que os negros seriam degenerados. A própria Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel, além de contribuir para a invisibilização das lutas dos abolicionistas, não trazia nenhuma reparação<sup>49</sup> à população até então escravizada, ela ocorre com excessivo atraso visto que naquele ponto muitos negros e negras já estavam libertos e ainda contribui para a estereotipação dos negros como sujeitos preguiçosos, que não gostavam de trabalhar.

Essa ideologia foi acoplada pela *democracia racial*, representada na obra de Gilberto Freyre. A democracia racial ganha força por volta dos anos 30 na era Vargas, que buscava a definição de uma identidade nacional que abarcasse toda a população brasileira. Não podendo negar a presença de pessoas de cor de pele preta – afinal, o Brasil foi o país que mais recebeu escravizados africanos em toda a história – a miscigenação passa a ser considerada um elemento a ser valorizado na sociedade e uma prova da cordialidade brasileira. Porém, “a homogeneidade que presidia no conceito de ‘nação’ exigia a dissolução das diferenças, em particular, as de raça ou etnia, religião e cultura” (MIRA, 2017, p. 21), e essa diferença já havia sido construída de forma deliberada pela própria branquitude. Ela é, portanto, uma forma muito eficiente de manter a supremacia da branquitude sem escancarar a hierarquização racial que sempre existiu. Essa

---

<sup>45</sup> Com o fim do tráfico negreiro, por pressão inglesa, foi determinado em 1850 a lei nº 601, ou “Lei de terras” que garantia o alcance do potencial produtivo da terra dentro da economia por grandes e médios proprietários, restringindo o acesso de negros, inclusive ex-escravizados, não só à exploração agrária, como também à moradia, visto que nessa época a população brasileira era majoritariamente rural. Além disso, essa lei contribuiu para a enorme concentração fundiária que existe no Brasil.

<sup>46</sup> Decreto nº 847, de 1890, cuja tipificação previa a punição, entre várias práticas, para a “vadiagem” e a capoeira, numa criminalização das práticas culturais afro-brasileiras. Essa noção será revigorada em 1941, com a lei 3688 que reforça essa questão e estigmatiza as práticas populares e de origem africana, como a própria capoeira e as religiões de matriz africana. A lei 3688 continua em vigor até 1975. Esse tipo de norma penal contribuirá para o encarceramento de pessoas negras, higienização e estigmatização social.

<sup>47</sup> Somente em 1934, negros, mulheres e indígenas tiveram direito ao voto. Porém, os analfabetos – e a população negra era em grande medida analfabeta, dada a dificuldade ao acesso à educação – só puderam votar em 1985.

<sup>48</sup> O Decreto nº 528, de 1890, incentivava a migração de brancos europeus para o Brasil. Esse incentivo tinha como objetivo o embranquecimento da população, visto que o decreto excetuava asiáticos e africanos. Dificultava o acesso de negros a postos de trabalho, contribuindo para a geração de vadios que podiam ser encarcerados, de acordo com o Decreto nº 847 supracitado. Além disso, a Lei 9081, de 1911, previa uma série de incentivos a esses trabalhadores, em detrimento da população negra. Sobre o embranquecimento, é importante citar ainda que o “estímulo à educação eugênica”, nesses termos, estavam expressos no artigo 138 da Constituição Federal de 1934. Por fim, no Decreto-Lei nº 7967, de 1945, sobre a entrada e estrangeiros, ressalta a “necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia”.

<sup>49</sup> Pelo contrário, houve “reparação” para os sujeitos brancos, que perderam suas “propriedades”. Isso ocorreu após as leis do Ventre Livre (1871), dos Sexagenários (1885) e da Lei Áurea (1888).



contraposição está exposta na música do grupo Z'África Brasil que tem o sugestivo nome “A Cor que falta na bandeira do Brasil”:

*Verde amarelo azul branca e vermelha  
São as cores que compõem a bandeira brasileira  
Só que o vermelho não quiseram botar  
É cor de sangue é cor de morte é cor de farsa  
É todo o sangue derramado nesses 500 anos  
É toda a história maquiavélica tramada nos nossos mocamos (Z'ÁFRICA  
BRASIL, 2002)<sup>50</sup>*

As consequências desse discurso são devastadoras, pois ao romper com a explicitude do racismo científico, torna a sua percepção ainda mais difícil para uma sociedade que o tem como elemento estruturante. Num primeiro olhar, a democracia racial parece ser justa porque defende a mistura e a boa convivência entre as raças<sup>51</sup>, porém, na prática, está calcado no objetivo do embranquecimento, na miscigenação enquanto técnica de clareamento, e esconde a existência de desigualdades raciais. Essa ideologia é essencial para facilitar a assimilação do racismo dentro da nossa sociedade. Sobre esse mito, Sueli Carneiro afirma o seguinte:

“são argumentos de fácil aceitação pelo que reiteram das ideologias presentes no senso comum em que o elogio à mestiçagem e a crítica ao conceito de raça vem se prestando historicamente, não para fundamentar a construção de uma sociedade efetivamente igualitária do ponto de vista racial, e sim para nublar a percepção social sobre as práticas racialmente discriminatórias presentes na sociedade.” (CARNEIRO, 2008)<sup>52</sup>.

Nos dias atuais, a manutenção da hierarquização social ocorre de diversas maneiras. O sistema de ensino constantemente ignora a história dos afro-brasileiros e exalta figuras históricas que contribuíram para o escravagismo. Homens e mulheres negras são subrepresentados ou estereotipados nas produções artísticas, filmes, novelas, publicidade. A população negra é constantemente associada e submetida à violência, à criminalidade, ao encarceramento, à pobreza e à vivência em locais de estruturas precárias. Negros e negras estão muito menos presentes em espaços de poder, como nas universidades, na política, na

<sup>50</sup> Z'África Brasil, “A Cor que Falta na Bandeira do Brasil”, Álbum *Antigamente Quilombos Hoje Periferia* (São Paulo, independente, 2002)

<sup>51</sup> Em alguns lugares, como nos Estados Unidos e na África do Sul, a mestiçagem era mal vista porque, em tese, a mistura com o negro contaminaria a pureza da raça branca com as pré-disposições indesejáveis provenientes do sujeito negro. Daí a existência de espaços físicos, legalmente definidos, para garantir a separação entre negros e brancos.

<sup>52</sup> <https://www.geledes.org.br/ideologia-tortuosa/>

magistratura, nos espaços decisórios em geral. Essa questão da representação hegemônica é exemplificada por Funkero, na cypher<sup>53</sup> Favela Vive 2:

*Somos filhos da lama, Brasil que a mídia esconde  
Nos entopem de pólvora, coca, esgoto a céu aberto  
E quilombos de madeirite e concreto (ADL, 2016)*<sup>54</sup>

Seja pela representação na mídia, seja na observação do mundo ao redor, a negritude é vinculada a aspectos negativos e subalternos e a branquitude, em contraponto, é associada a aspectos positivos e dominantes. Durante toda a história brasileira, a branquitude foi construída e reafirmada como padrão a ser seguido e a negritude como um “outro” indesejável.

“Apesar de ter fracassado o processo de branqueamento físico da sociedade, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca de identidade baseada na ‘negritude’ e na ‘mestiçagem’, já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superior.” (MUNANGA, 1999, p. 16)

A assimilação do racismo ocorre desde a infância. Uma criança ao ser criada numa sociedade racista, irá assimilar todos aqueles signos e formar preconceitos de cunho racial durante todo o seu processo de aprendizado, pois o racismo é propagado pelos mais variados aparelhos ideológicos, como a própria mídia. E isto está relacionado à forma como o cérebro humano funciona, porque

“nós raciocinamos por um processo de percepção, classificação e generalização, elementos responsáveis pela criação de esquemas mentais a partir dos quais pessoas e situações são interpretadas. Mais do que meras construções cognitivas, eles possuem conteúdos formados por representações sociais dos diferentes grupos. Esse é um dos motivos pelos quais pessoas podem defender a igualdade formal entre todos os indivíduos, mas ainda assim serem influenciadas por sentimentos que as motivam a se relacionarem preferencialmente com pessoas que fazem parte do mesmo grupo racial” (MOREIRA, 2019, p. 46)

Na área da psicologia é possível se investigar justamente as formas como humanos desenvolvem os preconceitos que podem vir a se tornar discriminações sistemáticas, na medida em que são apreendidas a partir de um determinado contexto cultural e correm o risco de serem repetidas no dia a dia. Um exemplo que busca evidenciar essa questão de maneira didática são

<sup>53</sup> De acordo com o site Kondzilla, a cypher no rap tem como objetivo reunir MCs, sendo eles de grupos ou artistas solos, para rimas inéditas e com uma conexão de palavras mais complexas, com um DJ responsável pelo beat. É algo que se aproxima mais do freestyle do que do rap elaborado e construído sobre uma batida produzida em estúdio. (cf. <https://kondzilla.com/m/explicando-em-detalhes-o-que-e-cypher/#materia>)

<sup>54</sup> ADL part. BK, Funkero, MV Bill, Favela Vive 2, *single* (Rio de Janeiro, Esfinge Produções, 2017)

os chamados “*Doll tests*” ou testes raciais em bonecas, que mostram a preferência de crianças, mesmo as negras, por bonecas brancas.<sup>55</sup>

“A compreensão da dinâmica do desenvolvimento das atitudes raciais implícitas é fundamental para um entendimento mais amplo sobre os processos discriminatórios que ocorrem na sociedade. De acordo com o senso comum, as crianças desenvolvem preferência por um grupo ou outro e se tornam preconceituosas em virtude da influência de pais e familiares (...) o desenvolvimento de preconceito racial é mais complexo do que uma mera repetição de padrões observados no ambiente familiar e está relacionado a fatores como relações intergrupo, contexto cultural e percepção de dominância social. (...) As crianças apresentam preferências raciais definidas desde pequenas, o que pode ter influência direta sobre a forma como a sociedade compreende o preconceito bem como sobre a elaboração de políticas públicas direcionadas a essa temática.” (SACCO, 2015, p. 19)

Essa internalização do racismo ocorre porque ele é propagado nos mais variados aparelhos ideológicos, como igrejas, escolas, mídia etc. O ambiente da escola, em específico, é importante de ser pensado como um dos principais meios pelos quais essa assimilação ocorre. Sendo um ambiente de aprendizado e convívio, ele faz com que desde a infância, os significantes do racismo sejam assimilados ao não representar negros e negras de forma adequada, como denuncia o rapper Thiago Elniño:

*Alforriaram o nosso corpo, mas deixaram as mentes na prisão  
Não! Abre logo a porra do cofre  
Não tô falando de dinheiro, eu falo de conhecimento  
Eu não quero mais estudar na sua escola  
Que não conta a minha história, na verdade me mata por dentro (ELNIÑO,  
2017)<sup>56</sup>*

Nesse trecho, Thiago ressalta uma questão de grande importância: mesmo a população brasileira sendo composta majoritariamente por negros, a história dessa população, dos afro-brasileiros é muito pouco contada nas escolas, quando não deliberadamente ignorada, ao contrário do que ocorre com a história da Europa. Até existe uma lei que tentou mudar essa realidade, a Lei 10.639, de 2003, porém não houve nenhum incentivo ou vontade de sistematização para sua efetiva implementação nos colégios, como afirma o professor e sociólogo Leonardo Borges da Cruz:

“nas escolas municipais, estaduais e particulares, o cumprimento da Lei ainda fica muito a cargo de um sujeito ou outro que resolve comprar a causa. Muitas vezes

<sup>55</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=tkpUyB2xgTM>

<sup>56</sup> Thiago Elniño part. Sant e Kmkz, “Pedagoginga”, Álbum *A Rotina do Pombo* (Rio de Janeiro, independente, 2017)

o professor se sensibiliza pelo tema ou por ser negro ou por ter tido contato com o tema em algum momento” (BASILIO, 2018)<sup>57</sup>.

Dessa forma, os símbolos históricos que costumam ser exaltados são daqueles que detinham o poder econômico e político e tidos pelo senso comum como “heróis”, escondendo-se o fato de que foram muitas vezes perpetradores de injustificáveis violências contra negros e indígenas. Isso dá uma dimensão de como a História do Brasil foi ensinada ao longo dos séculos. Esse fato não é esquecido pelo rapper Inquérito:

*Bandeirantes, Anhanguera, Raposo, Castelo  
São heróis ou algoz? Vai ver o que eles fizeram  
Botar o nome desses cara nas estrada é cruel  
É o mesmo que Rodovia Hitler em Israel (INQUÉRITO, 2014)<sup>58</sup>*

Essa letra mostra o quanto a construção simbólica tendo a branquitude como elemento central é perversa e contribui para a manutenção desse ciclo vicioso de assimilação e reprodução do racismo. A luta antirracista, portanto, tem que ocorrer a partir do momento em que a pessoa se permite uma ruptura com os padrões de representações raciais vigentes. Só a partir daí é possível perceber o quanto o racismo está presente na sociedade e se dar conta das suas formas implícitas, veladas dentro da sociedade. Como costumava afirmar a historiadora negra Beatriz Nascimento, o racismo é um “emaranhado de sutilezas” (RATTS, 2006, p. 47). Portanto, ser antirracista significa romper com todo um sistema de significações predominantes na sociedade.

Para sujeitos brancos isso significa ter de se conscientizar e enfrentar as graves consequências às quais sempre submeteu os sujeitos negros. Por isso, pessoas brancas constantemente negam a existência ou o real impacto do racismo e produzem discursos a fim de justificar suas atitudes. A negação é um “mecanismo de defesa do ego que opera de forma inconsciente para resolver conflitos emocionais através da recusa em admitir os aspectos mais desagradáveis da realidade externa (...)” (KILOMBA, 2019, p. 43). A produção de discursos racistas é a “tentativa do sujeito branco de construir uma justificativa lógica para o racismo (...) [é uma] estratégia para reduzir os desejos inconscientes agressivos em relação às/aos ‘Outras/os’, bem como seu sentimento de culpa” (KILOMBA, 2019, p. 45)

É muito comum não apenas a continuidade de um discurso alinhado à democracia racial como narrativas como o racismo “reverso” e da meritocracia – este associado desde o início do

<sup>57</sup> <https://www.cartacapital.com.br/educacao/quinze-anos-depois-lei-10-639-ainda-esbarra-em-desconhecimento-e-resistencia/>

<sup>58</sup> Inquérito, “Eu só peço a Deus”, Álbum *Corpo e Alma* (Campinas, independente, 2014)

desenvolvimento do capitalismo. A meritocracia supervaloriza os méritos individuais dos donos do capital e, convenientemente, desconsidera a exploração e a super exploração da classe trabalhadora. E a classe operária no Brasil está profundamente associada com a negritude, desde a escravidão. Isso porque a estrutura racista não apenas dificulta o acesso a uma vida digna à população negra, como também sistematicamente resulta em mortes, não permitindo qualquer chance de mobilidade social calcada no esforço e no mérito individual. Essa questão é exposta de forma clara na música “Estereótipo”, de Rashid:

*Na facul que você curte cabular  
Falemos de chances, mas aviso  
Não existe igualdade pra quem tem que correr atrás de quase 400 anos de  
prejuízo (RASHID, 2018)<sup>59</sup>*

Já o “racismo reverso” é uma construção discursiva curiosa, visto que “o termo reverso junto ao racismo já traz o sentido de que há uma inversão, algo fora do lugar, como se houvesse um jeito “certo” ou “normal” de expressão do racismo” (ALMEIDA, 2018, p. 41). Essa narrativa desconsidera aquilo que há de mais importante para a reprodução do racismo na sociedade, o seu caráter sistêmico, defende que também ocorre uma discriminação contra brancos e compara duas situações completamente desproporcionais. Nunca poderá existir um racismo contra brancos numa sociedade que tem na branquitude a representação de todos os aspectos positivos. É um discurso vitimista de um grupo social que não aceita que se critiquem os seus privilégios e tem o objetivo único de deslegitimar as lutas por uma sociedade racialmente igualitária. Por esse motivo, o rapper Black aborda essa questão de forma sarcástica:

*Me ligaram pra escrever uns rap pra ampliar os negócios  
Me disseram que racismo era o tópico  
No fundo da ligação, alguém falou: “reverso”  
Eu perguntei: Pô mano, você quis dizer utópico? (BLACK, 2018)<sup>60</sup>*

A reprodução do racismo tem motivações econômicas, constitui as subjetividades, e é justificado ideologicamente, sendo reproduzido institucionalmente na área do Direito e na política. Essas dimensões se entrelaçam adquirindo tanto o caráter estrutural, como estruturante. Ou seja, a sociedade repete padrões racistas e, por repetir, reforça o seu próprio racismo o que gera um número incontável de situações de convivência social em que negros e negras são inferiorizados. Por isso é difícil imaginar que essa sociedade pare de reproduzi-lo sem uma

<sup>59</sup> Rashid, “Estereótipo”, Álbum *Crise* (São Paulo, Sony Music, 2018)

<sup>60</sup> Black part. Djonga, “Luto”, *single* (Rio de Janeiro, A Banca Records, 2018)

mudança nas suas estruturas. Mudanças pontuais antirracistas nessa sociedade são bem-vindas, porém, devem acontecer sempre no sentido de reforçar essa necessidade de mudança profunda e não para nublá-la, numa apropriação que corre o perigo de cooptar inclusive aqueles que sofrem com o racismo. Como afirma Juliana Borges: “o racismo é uma das ideologias fundadoras da sociedade brasileira. Algo tão fundamental no processo de formação não some em um estalar de olhos (...)” (BORGES, 2018, p. 53)

#### 4. AS TEMÁTICAS DO RAP ACERCA DO RACISMO

O colonialismo é, como vimos, um grande gerador de violências sistemáticas, desigualdades sociais, estigmatização e inferiorização de seres humanos, e tudo isso apoia-se no processo de racialização. O racismo e o colonialismo são impetrados por meio da violência e coerção física e também pela geração de consensos acerca da inferioridade da negritude, atacando, portanto, o campo cultural.

“Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.” (FANON, 2008, p. 34)

Embora a supremacia da branquitude tenha sido internalizada no seio da sociedade e tenha a capacidade de cooptar inclusive pessoas negras, isso não quer dizer que não existam discursos de resistência, que percebem essas injustiças de cunho racial e buscam desnaturalizar essa hierarquização existente na sociedade ao defender a necessidade de “mudanças de atitude culturais em relação à negritude e às pessoas” (HOOKS, 2019).

O rap pode ser considerado um exemplo dessa frase de bell hooks<sup>61</sup>, pois trata-se de uma prática cultural que em diversos momentos desafia o *status quo* e isso está intimamente ligado ao fato de que é produzido geralmente pelas camadas mais subalternizadas da sociedade. O discurso presente no rap está preferencialmente direcionado a esse público. Quando se dirige ao restante da sociedade é muitas vezes em um tom crítico e expõe as suas injustiças contra as pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social.

É possível observar como as questões raciais podem ser entrelaçadas com os discursos produzidos pelos rappers, mesmo aqueles que não abordam o tema do racismo de forma direta. É possível traçar paralelos entre as visões de mundo expostas pelos rappers e a forma como a sociedade se constitui. Sabem identificar e colocar em suas músicas as situações e injustiças que ocorrem no dia a dia por consequência do racismo. A abordagem do tema pode aparecer nas letras com reflexões mais aprofundadas acerca do tema ou simplesmente na espontaneidade com a qual os problemas sociais são colocados, normalmente associado às vivências.

A própria forma estética como o rap se apresenta guarda relação com aspectos tradicionalmente africanos. O fato de muitas palavras serem expostas, a mescla de canto com

---

<sup>61</sup> bell hooks é o pseudônimo da autora Gloria Jeans Watkins, A grafia do nome é em letras minúsculas por opção da própria autora que afirmava que o mais importante era a substância das suas ideias e não quem ela era. (cf. <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>)

falado, a necessidade de contar uma história ou passar uma mensagem relevante faz com que seja possível aproximar a figura do rapper com a dos *griots*<sup>62</sup>:

*Já to nessa porra de rap da antiga e aprendi que o importante é mensagem  
passada  
E não rimo nada que não seja de coração (...)  
Mensageiro sim senhor, vagabundo se emociona  
Porque sente o espírito dos ancestrais, Griot! (MC MARECHAL, 2011)*<sup>63</sup>

Essa música do rapper MC Marechal alude à necessidade de se valorizar a negritude, não apenas enquanto cor de pele, mas enquanto cultura e, nesse caso, envolvendo o fazer artístico. O rap critica o racismo a partir de diversos ângulos. Nos tópicos seguintes serão expostas as formas como as representações existentes no rap abordam as consequências do racismo na vida das pessoas levando em consideração as desigualdades socioeconômicas, a violência (simbólica e física) e como o rap responde a tudo isso a partir de uma autoafirmação das suas próprias identidades.

#### **4.1. Desigualdades Socioeconômicas**

As desigualdades sociais e econômicas podem ser observadas tendo a raça como componente importante. O longo processo de escravidão durante séculos associou a negritude ao trabalho, mas sempre na posição de explorados. Naturalizou que os trabalhos mais indesejados fossem realizados por eles, sob o risco de punição caso se recusassem: castigos físicos no caso da escravidão e encarceramento no pós-abolição. Tudo isso contribuiu para que se configurasse um sistema de marginalização social o que implica desvantagens a pessoas negras não apenas no mundo do trabalho, mas a qualquer elemento que permita um mínimo de possibilidade para a mobilização social. No caso do Brasil, diversos acontecimentos contribuíram para que isso ocorresse, gerando problemas que se entrelaçam. No pós-abolição foi dificultado o acesso ao trabalho, a terras e à educação e nada foi feito para que essa realidade fosse mudada. Com o passar dos anos e o acúmulo de terras e capital nas mãos quase que exclusivamente de pessoas brancas, o país foi aumentando sua população, houve um processo desordenado de urbanização, cuja infraestrutura dos grandes centros não foi capaz de acompanhar, aumentando problemas já crônicos como aumento da desigualdade econômica, a pobreza, problemas de moradia, saneamento básico, acesso à hospitais, acesso à educação e

---

<sup>62</sup> “O griot, figura frequente na África tribal, designa, na cultura africana, aquela pessoa que conta as histórias de uma determinada comunidade, função geralmente atribuída ao ancião de uma tribo devido à sua sabedoria e ao conhecimento por ele acumulado.” (FERNANDES e PEREIRA, 2017, p. 621)

<sup>63</sup> MC Marechal, “Griot”, *single* (São Paulo, independente, 2011)



aumento da criminalidade. A população negra que, desde o início era oprimida, superexplorada e estigmatizada no imaginário dos grupos dominantes se viu diante de todas essas questões que se tornaram mais problemáticas ao longo do século XX. Não se trata apenas de uma “herança maldita” da escravidão, mas da naturalização que continuou ocorrendo da subalternização dos sujeitos racializados. Como já mencionado anteriormente, o racismo é um elemento gerador e que naturaliza a existência de desigualdades, algo aproveitado pela burguesia, na medida em que “naturaliza o pagamento de salários mais baixos para trabalhadores e trabalhadoras pertencentes a grupos minoritários (...) [além de] servir de instrumento de dissuasão dos trabalhadores brancos” (ALMEIDA, 2018, p. 144).

É possível observar essa estratificação racial da sociedade a partir de diversos indicadores socioeconômicos. O pesquisador Marcelo Paixão, um dos organizadores do Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil: 2009-2010, afirma o seguinte:

“No plano econômico, a discriminação atua diferenciando, entre os grupos étnico-raciais, as probabilidades de acesso aos ativos econômicos e mecanismos favorecedores à mobilidade social ascendente: empregos, crédito, propriedades, terra, educação formal, acesso às universidades, qualificação profissional, treinamentos no emprego (job-training). No plano dos direitos sociais, a discriminação opera tolhendo, aos grupos discriminados, o acesso à justiça e à proteção policial contra a violência, bem como criando barreiras ao acesso aos bens de uso coletivo nos planos educacional, ao sistema de saúde e à realização de investimentos públicos nas áreas mais frequentes de residência etc.” (PAIXÃO *et al.*, 2011, p. 21)

Percebe-se aqui diversos fatores que influenciam diretamente na vida das pessoas subalternizadas. É possível perceber, somente ao observar a sociedade, quais trabalhos são realizados por pessoas brancas e por pessoas negras, quem ocupa os espaços de poder, quem são os donos das propriedades privadas, quem tem acesso à educação e saúde, e assim por diante. Os rappers, atentos à realidade ao seu redor, fazem questão de expô-la e criticá-la, apontar as situações de vulnerabilidades sociais e a necessidade de mudanças sistêmicas: “*O opressor é omissor e o sistema é cupim/ E se eu não existo, por que cobras de mim?*” (CRIOLO, 2014)<sup>64</sup>

Em 2019, o rapper GOG se juntou a Inquérito e Fábio Brazza para fazer uma segunda parte de um dos seus maiores sucessos, *Matemática na Prática (Pt.2)*. E na parte de Inquérito, o artista soltou as seguintes linhas: *Homem ganha mais, branco ganha mais/ Mulher Preta trampa mais, números reais* (GOG, 2019).<sup>65</sup>

<sup>64</sup> Criolo, “Cartão de Visita, Álbum *Convoque seu Buda* (São Paulo, Oloko Records, 2014)

<sup>65</sup> GOG part. Inquérito e Fábio Brazza, “*Matemática na prática (pt. 2)*”, *single* (Brasília, independente, 2019)

A situação descrita por ele parece remeter diretamente a uma pesquisa desenvolvida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2016, na qual é possível perceber o quanto há diferenças de caráter racial. E no caso de mulheres negras, essa situação se torna ainda mais escandalosa.

“a mulher negra é a base do sistema remuneratório, sujeito preferencial das piores ocupações, convergência da tríplice opressão de gênero, raça e classe. Nada menos que 39,1% das mulheres negras ocupadas estão inseridas em relações precárias de trabalho, seguida pelos homens negros (31,6%), mulheres brancas (27,0%) e homens brancos (20,6%). (PINHEIRO *et al.*, 2016)”

A denúncia sobre o tratamento dispensado às mulheres no mundo do trabalho é também realizada pela rapper Drik Barbosa na canção Manifesto/Pule Garota: *Boicotam nossos planos/Diferem os salários* (RIMAS E MELODIAS, 2017)<sup>66</sup>

Os tipos de trabalhos aos quais negros e negras são submetidos também é algo a ser abordado. De acordo com a mesma pesquisa citada acima, as mulheres negras representam o maior contingente de pessoas desempregadas e que desempenham o trabalho doméstico, algo reconhecido na realidade de muitos rappers, um estigma do qual mulheres negras querem se livrar:

*Nem tenta aprisionar passarinho enjaulado não sabe voar  
Na História da avó viu onde é o seu lugar  
Não é lavando louça e nem na sala de estar  
Por ela e por todas na noite escura, vivendo sem culpa e sem se limitar  
(MEIRE D'ORIGEM, 2018)<sup>67</sup>*

Em determinados momentos é possível perceber que nem o subemprego é uma saída:

*Seu filho em casa, barriga vazia, eu tinha certeza que não era aquilo que eu queria  
Aceitavam preto como faxineiro a um tempo atrás  
Agora nem pra isso ele serve mais  
A sociedade fechou as portas para um cidadão (MV BILL, 1999)<sup>68</sup>*

Outro tema que constantemente é abordado é a pobreza, consequência das desigualdades sociais e econômicas.

*Cês no berço de ouro, enquanto eu carregava as lata  
Descobri meu tesouro, e aprendi a juntar as prata (RIMAS E MELODIAS, 2017)<sup>69</sup>*

<sup>66</sup> Rimas e Melodias, “Manifesto/Pule Garota”, Álbum *Rimas & Melodias* (São Paulo, independente, 2017)

<sup>67</sup> Meire D’Origem, “A Profecia”, *single* (São José dos Campos, independente, 2018)

<sup>68</sup> MV Bill, “Um crioulo com uma arma”, Álbum *Traficando Informação* (Rio de Janeiro, independente, 1999)

<sup>69</sup> Rimas e Melodias, “Elza”, *single* (São Paulo, independente, 2017)

Os versos são de Tássia Reis, dessa vez com integrante do grupo Rimas e Melodias, um conjunto formado exclusivamente por rappers mulheres. A música se chama “Elza” e faz referência à vida da cantora Elza Soares. É possível perceber novamente o costume de rappers de aproximar o tema da sua arte a situações reais, como uma forma de delatar, fazer conhecer melhor a realidade de pessoas negras e pobres. A relação entre negritude e pobreza não ocorre por acaso. Para o sociólogo Clóvis Moura, o sujeito negro:

“foi obrigado a disputar sua sobrevivência social, cultural e mesmo biológica em uma sociedade secularmente racista, na qual as técnicas de seleção profissional, cultura, política e étnica são feitas para que ele permaneça imobilizado nas camadas mais oprimidas, exploradas e subalternizadas” (MOURA, 2014, p. 219)

A figura de Elza Soares, que enfrentou questões de raça, classe e gênero, é digna mesmo de ser celebrada por conta da superação. Porém, não é o que acontece com a maioria das pessoas que tem de conviver com as violências que o mundo lhes impõe. A pobreza cria uma situação de vulnerabilidade para quem sofre com ela o que pode levar a outros problemas, como a fome, a mendicância, a sedução pela criminalidade, a aceitação de trabalhos de caráter subalterno para sobreviver, a dificuldade de acesso a um sistema de saúde adequado e a vivência em lugares sem a infraestrutura mínima necessária. Abaixo, exponho letras de rap que aludem a cada um desses temas.

Sobre pessoas em situação de rua:

*Várias vez eu ando por aí  
Vendo alguém em situação de rua  
Eu penso no conto por trás dessa vida  
E quais encontros ou desencontros trouxeram ele a este ponto (RASHID, 2020)<sup>70</sup>*

Sobre a fome: *“E os que não quer dinheiro mano/ é porque nunca viu  
A barriga roncar mais alto do que o “eu te amo” (EMICIDA, 2009)<sup>71</sup>*

Sobre a sedução da criminalidade: *É o teste, é o teste, é a febre, é a glória/  
Não se corromper pra nós já é vitória (CRIOLO, 2006)<sup>72</sup>*

<sup>70</sup> Rashid part. Drik Barbosa e Wesley Camilo, “Um mundo de cada vez”, Álbum *Tão Real* (São Paulo, independente, 2020)

<sup>71</sup> Emicida, “Oorra...”, Álbum *Pra quem já mordeu um cachorro por comida, até que eu cheguei longe* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2009)

<sup>72</sup> Criolo, “É o teste”, Álbum *Ainda há tempo* (São Paulo, independente, 2006)

Sobre os subempregos: *Eu já me vendi nas esquinas/ Eu já me arranhei nas esgrimas/ Cês mataram a menina* (AZZY, 2019)<sup>73</sup>

Sobre o acesso à saúde: *Plano de saúde de pobre, fi/ É não ficar doente* (CRIOLO, 2018)<sup>74</sup>

Sobre problemas de infraestrutura urbana:

*Por aqui ainda tem enchentes e barracos  
Famílias desabrigadas, crianças morando nos pátios  
De escolas públicas, sonhando com a ajuda  
Do governo que não viabiliza a infraestrutura* (REALIDADE CRUEL, 2007)<sup>75</sup>

Seria possível colocar aqui incontáveis exemplos de letras de rap que escancararam a realidade desigual no Brasil e os problemas que isso gera. Problemas esses que podem ter sido vivenciados pelos rappers ou não. Mas a escolha pela abordagem das críticas demonstra um compromisso para com todos aqueles que compartilham ou que experimentariam o mesmo local social de subalternidade. Trata-se de uma espécie de senso de comunidade.

#### 4.2. Sobre a violência

No contexto racista, economia e violência se imbricam. Na sociedade escravagista, os negros eram supliciados por qualquer motivo que o proprietário branco considerasse justificável. Ou seja, há aqui uma questão de classe social, associada à raça, em que negras e negros são alvos da violência. Além disso, a própria situação de miséria ao qual grande parte da população negra é submetida é também uma forma de violência, no sentido em que podem ter consequência graves para as vidas dessas pessoas. Hoje em dia, mesmo que a segregação racial não seja respaldada de forma explícita na letra da lei, ainda há a hierarquização racial no acesso aos meios para uma vida digna, seja no caso das desigualdades socioeconômicas, seja na questão da violência. Algo que, no limite, leva a uma maior mortalidade dessa população.

Os Estados Modernos, no contexto capitalista, precisam atuar de forma a manter a ordem e a garantia de uma unidade nacional. Isso ocorre de duas formas: na formação de consensos acerca da subalternidade de negros e negras, o que ataca as subjetividades, uma violência simbólica; e o da coerção física, por meio de uma repressão violenta e direta. Numa sociedade

<sup>73</sup> Azzy part. Lourena, Nabrisa, Nobru Black, Thai Flow e Gabz, “1910”, single (São Paulo, World Rap Music, 2019)

<sup>74</sup> Criolo, “Boca de Lobo”, single (São Paulo, Oloko Records, 2018)

<sup>75</sup> Realidade Cruel, “Trilha sonora do gueto”, Álbum *Dos barracos de madeirite aos palácios de platina* (São Paulo, Ng2 Music Store, 2007)

que já estava acostumada a ser violenta com sujeitos negros, essa questão atinge uma dimensão perversa. Um triste exemplo dessas duas formas de violência é exemplificado na música Solo Sagrado, da dupla ADL:

*Bem revoltado com eleitor de Bolsonaro  
Que posta no Facebook quando um menor é baleado.  
Vai na Google, pega foto de outro garotinho armado  
Pra depois de morto ainda, nós provar que não é culpado (ADL, 2020)<sup>76</sup>*

O trecho faz referência ao caso de Marcos Vinícius da Silva que em 2018 foi morto durante uma operação policial no Complexo da Maré. Para tentar justificar o assassinato cometido pela polícia, começou a circular nas redes sociais fotos que, em tese, comprovavam o envolvimento do jovem de 14 anos com o tráfico de drogas, algo que foi desmentido por agências de checagem de fatos<sup>77</sup>. Esse é um exemplo claro de como sempre há uma tentativa de justificativa para as violências cometidas contra a população negra. Se dos séculos XVI ao XIX era a suposta existência de uma “raça” inferior, do século XX em diante é a vinculação da negritude e da pobreza à criminalidade.

A instituição que atua como o braço repressivo do Estado para o controle da criminalidade é a polícia. A configuração organizacional da instituição policial atual foi estabelecida também no contexto da Modernidade, em consonância com os ideais de liberalismo econômico e defesa da propriedade privada. A atuação das polícias na prática acaba por defender preferencialmente grupos sociais que já detém o poder econômico e perseguir, muitas vezes de forma truculenta, os grupos subalternizados e racializados. Nesse sentido, a relação “colonizador-colonizado” é, de certa forma, atualizado. Ainda que alguns dispositivos não sejam mais permitidos legalmente, como os suplícios e castigos físicos, a brutalidade continua ocorrendo de outras formas, seja pelo encarceramento em massa, seja pela justificação dos excessos policiais normalmente ancorados nos argumentos de que sofreram desacato, ou agiram em legítima defesa.

Na exploração colonial, a colônia era o espaço habitado por aqueles povos que seriam “atrasados” ou “violentos” demais para existir enquanto uma civilização “desenvolvida”, daí a “necessidade” de impingir uma ação violenta justificada para conter esse suposto ímpeto selvagem de uma sociedade “inferior”. Nesse sentido, “as colônias são o local por excelência em que os controles e garantias de ordem judicial podem ser suspensos – a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da ‘civilização’” (MBEMBE,

<sup>76</sup> ADL, “Solo Sagrado”, *single* (Rio de Janeiro, Além da Loucura & Favela Cria, 2020)

<sup>77</sup> <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2018/06/30/fotos-falsas-de-jovem-morto-na-mare-tentam-liga-lo-ao-traffic-de-drogas.htm>

2018, p. 35). O trecho a seguir é do rapper Orochi e o nome da música é sugestivo: “Nova Colônia”, chamando atenção para o fato de que a violência sistemática cometida pelos Estados antes se dirigia às colônias e hoje às favelas, periferias, quebradas e guetos. E não por acaso, em ambas as situações, a raça é um elemento chave.

*Tudo que restou são cinzas de memória  
Sangue pelas ruas, morte nas escolas  
Pobre morador com medo até da sombra  
E do nada uma bala perdida te encontra  
Menos empregado e mais insegurança  
Prende um viciado e mata uma criança (OROCHI, 2020)<sup>78</sup>*

Como mencionado, há na sociedade uma normalização da associação de pessoas negras e, principalmente, homens negros, à criminalidade. Noticiários, jornais populares, programas de TV cujo assunto principal é a violência, tendem a estigmatizar negros e negras e associá-los à criminalidade, sobretudo a crimes violentos como homicídios, latrocínios, roubos, associação a organizações criminosas, tráfico de drogas etc. gerando na sociedade um medo, que acaba por gerar uma justificativa para a repressão violenta. Ainda que a maioria dessas operações policiais afetem muito pouco a estrutura das diversas organizações criminosas. No rap, essa é uma questão que aparece com frequência:

Há assuntos, no entanto, como polícia, milícia, guarda municipal, que são sempre tratados pela mesma perspectiva: de quem é reprimido, violentado, silenciado constantemente. Assim, esses aparelhos de repressão promovem certa unificação na produção poética do rep. (GONÇALVES, 2017, p. 63)

São os jovens negros periféricos os principais produtores e consumidores do hip hop. E são também eles os que têm a relação de maior tensão em relação aos policiais.

*Carro virando a esquina farol alto devagar  
To esperto com a mão no ferro vendo o que vai dar  
Infelizmente é a polícia não tem como escapar  
Dois manos meus são enquadrados na porta de um bar  
Mão na cabeça, perna aberta, geral é dada e tudo  
Diz que os conhece e já devem estar queimando fumo  
Mas nada é encontrado eles estão liberados  
Com suas bocas sangrando e alguns ossos quebrados  
Observo da minha casa e vejo tudo calado  
Estou acostumado com tudo isso (SISTEMA NEGRO, 1995)<sup>79</sup>*

Nesse trecho de “Bem-vindos ao inferno”, do grupo Sistema Negro, percebe-se a frieza da atuação policial ao tomar atitudes que podem até ocasionar a morte de outra pessoa. E essa

<sup>78</sup> Orochi, “Nova Colônia”, Álbum *Celebridade* (Rio de Janeiro, Mainstreet Records, 2020)

<sup>79</sup> Sistema Negro, “Bem vindos ao inferno”, Álbum *Bem vindos ao inferno* (São Paulo, Zimbabwe, 1995)

é uma questão que diz muito de como o treinamento da polícia é orientado para matar, muitas vezes mais do que proteger o cidadão – e num contexto onde a cidadania é dispensada àqueles que vivem nas periferias, essa questão toma contornos ainda mais graves. Esse costume, essa frieza, é confirmada pelos próprios policiais. No documentário “Notícias de uma guerra particular” (1999) há um relato do então capitão Pimentel de que não sente remorso ao matar uma pessoa e que apenas faz parte do trabalho: “Quando mata? A sensação é só de dever cumprido. Dizer que cheguei em casa e não dormi. Eu vou tá mentindo” (Notícias de uma guerra particular, 1999). Da mesma forma, aqueles que estão na criminalidade têm muito pouco apreço pelos policiais. Há, portanto, um ódio mútuo, alimentado pelos dois lados, trata-se da “guerra particular” referenciada no título do documentário.

*Carga girando no plantão da boca  
Se brechar na 5 vai ser muita bala  
Foda-se o arrego, tô cheio de ódio  
A tropa do moço é os enguiça barca (...)  
AK do Flamengo, muito barulhento  
Famoso na roda por matar alemão  
Carga girando na função dos cria  
Polícia safado, sai do Caveirão (BORGES, 2019)<sup>8081</sup>*

Uma das músicas que aborda de maneira mais contundente a questão do genocídio da população negra no Brasil é o rap “Pantera Preta”, de Amiri. Abaixo, colocarei alguns trechos e os assuntos aos quais se referem.

*Por que o senhor atirou em mim?  
Não confundiu nada, apenas mirou e fim  
É porque das senzalas, quilombos e guetos vim  
É porque sou preto, sim (...)  
Quem polícia a polícia em tempos em que polícia nos mata igual água?  
Esse dado é fato e recente  
Mente sobre o genocídio que você não vê nos vídeos  
Enquanto os números do IML, crescente  
Se tivessem passado o que nós temos passado  
Mas só se cê habita a preta pele, cê sente  
Um certo medo do futuro quando se tem  
Amarildo, Claudia, Marielle: Presente  
Luana tá? Presente; Jhonata? Presente  
Duda: Presente; Guga: Presente  
Ryan: Presente; Ivan: Presente  
Peterson: Presente; Kleberson: Presente*

<sup>80</sup> Nesse trecho há diversas gírias referentes a essa realidade. “Carga” refere-se genericamente a qualquer droga que seja comercializada pela “boca”, lugar onde se recebem, embalam, distribuem e vendem as drogas. O “arrego” é a propina paga a algum policial para não prender alguém. “Alemão” se refere a todo aquele que não é bem-vindo em determinado local, pode ser policiais ou membros de facções rivais. E “caveirão” é o nome popular dado aos blindados usados pela polícia, muito comuns em incursões em favelas.

<sup>81</sup> Borges part. Flacko, “Ak do Flamengo”, single (Rio de Janeiro, BlakkClout, 2019)

*Emerson: Presente; Éverton: Presente  
Akin: Presente; Rakim: Presente!  
Cê vê o quanto querem dar fim na gente?  
Como um país vai assim pra frente? (AMIRI, 2018)<sup>82</sup>*

São vários os raps que denunciam o genocídio da população negra no Brasil. Assim como são vários que citam casos que se tornaram conhecidos de violência policial. Essa música tem a intenção justamente de expor a brutalidade sofrida por quem “habita a preta pele”. A primeira frase “por que o senhor atirou em mim?” faz alusão ao caso de Douglas Rodrigues, baleado por um policial em outubro de 2013<sup>83</sup>. Cláudia foi morta em março de 2014 em meio a uma troca de tiros, numa operação policial e, após os policiais tentarem socorrer, foi arrastada durante cerca de 300 metros<sup>84</sup>. Luana foi morta em 2016, após abordagem policial na qual se recusou a ser revistada por homens, os policiais envolvidos alegaram desacato e a espancaram resultando em sua morte por traumatismo crânio-encefálico e isquemia cerebral<sup>85</sup>. Jhonata foi morto em 2016, alvejado na cabeça por um policial que desconfiou do saco de pipoca que o jovem segurava, pois o policial acreditava que a vítima estaria envolvida com o tráfico<sup>86</sup>. Maria Eduarda foi morta em 2017 enquanto estava dentro do colégio, quando ocorria uma operação e os disparos saíram de um fuzil de um policial<sup>87</sup>. O caso de Amarildo, morto em meio às convulsões das manifestações ocorridas em 2013, virou “símbolo de desaparecimentos não esclarecidos pela polícia”<sup>88</sup>. E o caso de Marielle, executada em 2018, também foi amplamente repercutido pela mídia, dado o seu caráter de crime político e o fato de ela ter sido uma das vereadoras mais votadas na cidade do Rio de Janeiro, em 2016<sup>89</sup>. E assim por diante. Ao citar vários casos, o objetivo do rapper é justamente dar uma noção ao interlocutor de como a morte de pessoas negras e faveladas ocorre rotineiramente.

<sup>82</sup> Amiri, “Pantera Preta”, *single* (São Paulo, Mudroi, 2018)

<sup>83</sup> Conforme <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/justica-absolve-pm-que-matou-douglas-da-frase-por-que-o-senhor-atirou-em-mim.ghtml>

<sup>84</sup> Conforme [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso\\_Cl%C3%A1udia\\_Silva\\_Ferreira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Cl%C3%A1udia_Silva_Ferreira)

<sup>85</sup> Conforme <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/05/mulher-morta-apos-abordagem-da-pm-foi-espacada-diz-impl-em-ribeirao.html>

<sup>86</sup> Conforme <https://extra.globo.com/casos-de-policia/pm-acusado-de-matar-jovem-que-carregava-saco-de-pipoca-no-borel-denunciado-justica-22771335.html>

<sup>87</sup> Conforme <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/laudo-diz-que-maria-eduarda-foi-morta-com-dois-tiros-na-base-do-cranio.ghtml>

<sup>88</sup> Conforme [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso\\_Amarildo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Amarildo)

<sup>89</sup> Conforme [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle\\_Franco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle_Franco)



O verso “esse dado é fato e recente” também merece destaque, porque as estatísticas confirmam que pessoas de pele preta estão mais vulneráveis à violência. Em 1997, os Racionais MC’s iniciavam uma das suas canções mais emblemáticas “Capítulo 4, versículo 3”, apresentando alguns dados estatísticos, um deles é assustadoramente atual:

*60% dos jovens de periferia  
Sem antecedentes criminais  
Já sofreram violência policial  
**A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras**  
Nas universidades brasileiras  
Apenas 2% dos alunos são negros (RACIONAIS MC’S, 1997)<sup>90</sup>*

De acordo com o Atlas da Violência 2019, “em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros” (CERQUEIRA, BUENO, *et al.*, 2019, p. 49). Ainda conforme o mesmo documento, “enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 4,5% entre 2007 e 2017, a taxa de homicídio de mulheres negras cresceu 29,9%” (*Ibidem*, p.38). De acordo com o último Anuário da Violência, divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, “os negros são 75,4% dos mortos pela polícia” (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019, p. 62). Como evidencia também o relatório final da CPI sobre o Assassinato de Jovens divulgado pelo Senado Federal, em 2016, “a cada 23 minutos ocorre a morte de um jovem negro no Brasil” (SENADO FEDERAL, 2016, p. 32). Dado esse também já apresentado em letras de rap:

*Mas no meu lugar se ponha e suponha que  
No século 21, a cada 23 minutos morre um jovem negro  
E você é negro que nem eu, pretinho, ó  
Não ficaria preocupado? (ADL, 2018)<sup>91</sup>*

A atuação policial é especialmente condenável na medida em que os agentes normalmente têm a quase certeza da impunidade quando agem de maneira desproporcional. Isso não acontece por acaso e tem relação direta com a forma com a qual a instituição policial é estruturada pois “assiste-se não ao mero excesso eventual na atuação de certos agentes policiais, mas ao uso da força desmedida como uma espécie de padrão de política de segurança pública” (PEDRINHA, 2015, p. 65).

<sup>90</sup> Racionais MC’s, “Capítulo 4, versículo 3”, Álbum *Sobrevivendo no inferno* (São Paulo, Cosa Nostra, 1997)

<sup>91</sup> ADL part. Choice, Djonga, Menor do Chapa e Negra Li, “Favela Vive 3”, *single* (Rio de Janeiro, Além da Loucura, 2018)

*Homens de farda são maus, era do caos,  
Frios como halls, engatilha e plau!  
Carniceiros ganham prêmios,  
Na terra onde bebês respiram gás lacrimogênio (EMICIDA, 2012)<sup>92</sup>*

Nesse trecho, o rapper traz o assunto da frieza e da letalidade policial, aliadas ao fato de que esses “carniceiros ganham prêmios”. Emicida se refere à premiação por bravura, ou gratificação faroeste, um dispositivo que significou um aumento da letalidade na ação policial, normalmente associado ao auto de resistência. O auto de resistência é quando o policial alega que teve que agir em resposta a uma situação de perigo por resistência armada do opositor. Ou seja, o policial agiria em legítima defesa. O problema é que ocorrências com essa designação “passaram a ser utilizadas com muita frequência por algumas polícias, mesmo em casos em que tudo indicava tratar-se de um homicídio, ou mesmo execução” (BUENO *et al*, 2013, p. 120). No documentário Auto de Resistência (2018) é mostrado o caso Eduardo Felipe, ocorrido em 2015, em que policiais foram flagrados numa situação em que de acordo com a versão dos policiais, teria havido confronto e resistência por parte de Eduardo. É possível ver no vídeo policiais manipulando o corpo de Eduardo já caído no chão e fazendo disparos com a pistola nas mãos do jovem. É importante frisar que não é legal a manipulação da cena pelo agente policial sem haver uma perícia. Mesmo com todos os indicativos de que houve uma alteração de uma cena de homicídio, os policiais foram absolvidos. Esse tipo de situação em que o policial forja um flagrante é mencionado, por exemplo, na música “Extendo” do trapper Raffa Moreira:

*Eu fui forjado, policial safado  
Jovem com a ficha criminal manchada  
E depois dessa eu não arrumei mais emprego (MOREIRA, 2020)<sup>93</sup>*

É importante assinalar também que esse tipo de situação em que alguém filma a atitude de um policial é difícil de acontecer e por isso os policiais tomam esse tipo de atitude. Nesse mesmo documentário há a explanação da fala do promotor de Justiça Paulo Roberto Cunha:

“O policial que mata e fraudar um auto de resistência, ele está trabalhando em cima do seu conhecimento empírico porque se ele mata dez e é denunciado por um, se ele mata cem e é denunciado por um as chances estão a favor dele (...) o que dá errado é o que sai da curva” (Auto de Resistência, 2018)

Ainda de acordo com esse documentário, aproximadamente 98% das investigações acerca de mortes causadas por agentes policiais são arquivadas sem esclarecimento dos detalhes. Frequentemente não há a realização de uma perícia adequada, ou seja, sequer “temos estatísticas

<sup>92</sup> Emicida, “Dedo na ferida”, *single* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2012)

<sup>93</sup> Raffa Moreira, “Extendo”, *Álbum BC Raff Album* (Rio de Janeiro, Mondé, 2020)

confiáveis sobre tais mortes e, tampouco, métricas capazes de avaliar o impacto dessas mortes no desenho e implementação das políticas de segurança pública e nos padrões operacionais das polícias brasileiras” (BUENO *et al*, 2013, p.120). Essa falta de interesse em investigar esses casos de homicídios cometidos por “quem deveria dar a proteção” (MV BILL, 1999)<sup>94</sup> “envia a mensagem de que tais mortes são permitidas e toleradas pelas autoridades, o que alimenta o ciclo da violência” (ANISTIA INTERNACIONAL, 2015, p. 6). Por esse motivo, o rap constantemente urge como uma voz que busca esclarecer essa situação de constante aviltamento e brutalidade ao qual são relegadas pessoas negras e pobres.

*Esse é meu dossiê montado nas zonas de abandono  
Com dados que não aparecem no relatório da ONU  
É minha forma de militar e exigir justiça  
Aos três que morrem extrajudicialmente por dia (TADDEO, 2014)<sup>95</sup>*

Ainda que haja a deliberada tentativa de dificultar a produção de dados confiáveis por parte das polícias, é possível perceber a desproporcionalidade a partir do cruzamento de alguns parâmetros. Por exemplo, em estudo realizado em 2008 pelo Instituto de Segurança Pública, então dirigido pela antropóloga Ana Paula Miranda, percebeu-se que de 2000 a 2008 o número de prisões em flagrante realizadas pela polícia reduziu drasticamente, enquanto o número de mortos pela polícia aumentou de forma considerável<sup>96</sup> (PEDRINHA, 2015, p. 67).

A questão da violência em comunidades e favelas não deveria ser de maneira alguma tratada apenas por meio da repressão policial. A falta de acesso que populações vulneráveis tem a meios alternativos à violência para ocuparem seu tempo como a educação, cultura, lazer etc. gera um ciclo vicioso em que muitos favelados, principalmente jovens do sexo masculino, veem na criminalidade uma opção viável de acesso a algum status ou possibilidade de uma vida menos miserável. O rapper BK aborda essa questão de maneira concisa num inteligente jogo de palavras: *E as favela quer um up, mas só deram UPP* (DEVASTO PROD, 2018)<sup>97</sup>

BK quer demonstrar que as necessidades das periferias não cabem na repressão violenta, mas em moradias dignas, saneamento básico, escolas de qualidade, acesso a lazer, esporte e cultura, e assim por diante. É primordial se pensar em prover as necessidades básicas para que

<sup>94</sup> MV Bill, “Soldado do morro”, Álbum *Traficando Informação* (Rio de Janeiro, independente, 1999)

<sup>95</sup> Eduardo Taddeo, “Dossiê”, Álbum *A Fantástica Fábrica de Cadáver* (São Paulo, 1DaSul, 2014)

<sup>96</sup> Essa relação “número de presos em flagrante”/ “número de mortos pela polícia” diminui de 72,5 para 15,2 nesse período. Ou seja, levando em consideração o encontro de policiais com opositores, o número de mortos aumentou em 5 vezes, em detrimento do número de prisões, mesmo que a norma para a polícia seja a opção pela prisão e não pelo confronto armado. Esses dados, no entanto, indicam o oposto disso.

<sup>97</sup> Devasto Prod part. Rincon Sapiência, BK, Rael, Emicida, Djonga e Mano Brown, “O céu é o limite”, *single* (São Paulo, Black Work Gang, 2018)

qualquer pessoa possa usufruir de condições mínimas de dignidade. Porém, constantemente, a representação do Estado que ocorre majoritariamente nesses ambientes é a presença da polícia. As UPPs – Unidades de Polícia Pacificadora – mencionadas pelo rapper, são exatamente um exemplo de como a ação estatal em favelas costumeiramente se restringe à ação policial gerando tensionamentos entre a instituição policial e os moradores dessas áreas. As UPPs, especificamente, foi uma política pública implementada pelo governo Sérgio Cabral, no Rio de Janeiro, e visava justamente a presença constante de postos policiais dentro das favelas. Evidentemente, isso resultou em aumento da violência e letalidade policial. “Sob a gestão do primeiro governo Cabral, os índices de letalidade policial foram elevados a patamares recordes, pelos dados do ISP” (PEDRINHA, 2015, p. 67). Esse processo de militarização das favelas não leva apenas às ações violentas de autos de resistências, mas a várias outras violações dos direitos dos cidadãos, como por exemplo, “desacatos, xingamentos, utilização de chaves-mestras sem mandado de busca e apreensão, agressões, abuso de autoridade, até a culminância [como] no assassinato de ajudante de pedreiro Amarildo” (FRANCO, 2014, p. 94).

Nos últimos três anos parece haver um recrudescimento da questão da violência policial. Em 2018 foi implementado no Rio de Janeiro a intervenção das Forças Armadas para contenção da violência. Nesse mesmo ano houve a última eleição para presidente, governadores, senadores e deputados, que resultou não apenas com a vitória presidencial de um candidato afeito à militarização, mas de vários outros cargos – do legislativo e do executivo – que se elegeram na esteira dessa onda de valorização de um Estado policalesco, normalizando a presença de uma cultura militar no dia a dia das pessoas. Não à toa há uma percepção do aumento da violência policial. De acordo com Hélio Leitão, atual presidente da Comissão Nacional dos Direitos Humanos da OAB, “todos os indicativos apontam para um aumento vertiginoso da violência policial e da letalidade policial” (PAGNAN, 2020). No Rio de Janeiro, a letalidade teria aumentado 92% em 2019 (*Ibidem*)<sup>98</sup>. O rap, inclusive, sabe apontar os principais culpados pelo aumento da violência que atinge negros e negras, pobres e moradores de periferias.

*Blietzkrieg do governo vem de Pajerona  
Com West Bud no volante e o Hans Landa de carona  
Enquadro da cena, essa cena é um quadro  
Assassinos em série, eleitores de Bolsonaro (...)  
Tenho que ter malícia  
Pra não virar notícia  
Atrás da fita zebrada vítima ou ocorrência*

<sup>98</sup><https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/governo-bolsonaro-exclui-violencia-policial-de-relatorio-sobre-violacoes-de-direitos-humanos.shtml>

*Da corporação fascista, servindo aos donos do dinheiro  
Foda-se a polícia (FBC, 2018)<sup>99</sup>*

Em 2019, o então ministro da Justiça Sergio Moro apresentou um Projeto de Lei na qual propunha algumas mudanças para o combate ao crime. Uma delas, que mais se tornou motivo de debates era a adição de um parágrafo no qual abria-se uma brecha para que o juiz diminuísse ou até deixasse de aplicar uma pena para um policial que cometesse um excesso decorrente de “escusável medo, surpresa ou violenta emoção”. Esse ponto acabou sendo retirado quando a PL passou pelo Congresso, mas outros pontos que foram aprovados na hoje Lei 13.964/19 endurecem algumas outras regras para o cometimento de crimes. Isso demonstra o quanto a classe dominante vem prosseguindo na intenção de se utilizar de dispositivos legais para aumentar a opressão em cima da população marginalizada. Conscientes da discussão política que os afeta, os rappers DK e Choice não hesitaram em expor as suas críticas: “*Corre que o Moro tá assinando um decreto que alivia pro polícia quando mata no trabalho*” (DK, 2020)<sup>100</sup>

Além da letalidade, é importante destacar também a desproporção que ocorre dentro do sistema carcerário. Negros e negras são maioria em ambientes sociais desestruturados, mas isso não quer dizer necessariamente que cometam mais crimes, embora exista uma relação complexa entre as vulnerabilidades sociais e as escolhas por caminhos que podem levar. São, portanto, estigmatizados e alvos preferenciais das polícias. Quando não são mortos, são presos.

*País da Fome, no fundo de uma cela pensa um homem  
Sangue nos olhos, bicho solto  
Terrorista sim nas fitas, era eficaz ia até o fim (SABOTAGE, 2000)<sup>101</sup>*

De acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN) atualizado em 2017, o Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo. E dessa população, cerca de 64% é negra (MOURA, 2019, p. 31). É importante ressaltar-se ainda que as condições nas prisões estão longe de favorecer um ambiente de correção. Constantemente, direitos são violados e isso fica evidente no caso da prisão de Rafael Braga que, preso injustamente com uma garrafa de Pinho Sol (o qual foi considerado pela polícia como material explosivo), foi parar na prisão onde chegou a contrair tuberculose. Situação exposta por Rincon Sapiência: *detergente vira detenção, quando é negão, tipo Rafa Braga* (SAPIÊNCIA, 2017).<sup>102</sup>

<sup>99</sup> FBC, “Contradições”, Álbum S.C.A. (Belo Horizonte, Pro Beats, 2018)

<sup>100</sup> DK part. Choice, “Corre, Corre” (Rio de Janeiro, Além da Loucura, 2020)

<sup>101</sup> Sabotage, “País da Fome” (São Paulo, Cosa Nostra, 2000)

<sup>102</sup> Rincón Sapiência, “Afro Rep”, *single* (São Paulo, Boia Fria Produções, 2017)

Nesse quesito, a chamada guerra às drogas tem uma centralidade importante. Primeiro fator a se considerar é que a proibição do uso e comercialização de certas substâncias tem um caráter mais político do que objetivo. No caso do Brasil, pode-se citar o caso da maconha, que teve um caráter marcadamente racista. O Brasil, e mais especificamente a cidade do Rio de Janeiro, foi o primeiro lugar no mundo a produzir uma legislação de proibição ao consumo e comercialização da maconha e isso, a exemplo do que ocorreu com a capoeira e a vadiagem, tem relação com práticas culturais de negros e negras escravizados/as. A substância era utilizada por eles inclusive em rituais religiosos. Mesmo as produções científicas da época corroboravam juízos preconceituosos de que a maconha ensejaria alucinações e comportamentos moralmente condenáveis e o consumo dessa substância estaria associada também à predisposição de negros e negras à vagabundagem<sup>103</sup>. Essa noção até os dias de hoje não mudou muito. Porém, é importante se pensar que não é a criação de uma norma jurídica que vai necessariamente mudar uma cultura, mudar os hábitos e os costumes de uma população. As consequências tendem a ser graves, pois isso cria um mercado dominado por poucos e sem intervenção econômica do Estado, porque ilegal, e por isso mesmo lucrativo. Como é reprimido com violência, é um ambiente que tende a se armar para defender seus territórios e produtos. Além de não haver qualquer controle da qualidade dos produtos, porque não são regulamentados. Em suma, o consumo permanece só que num mercado ilegal, lucrativo e violento, cujos principais alvos são marcados pela cor de pele.

Em 2006 foi implementada no Brasil a Lei de Drogas (lei 11.343/06) que apesar de acabar com a pena de prisão para usuários, aumentou a pena para aqueles que traficam. Além disso, “a lei determina a adoção de critérios controversos para separar quem porta para uso pessoal daquele com intenções comerciais”<sup>103</sup>. O que se verificou nos anos seguintes foi um aumento exponencial do encarceramento no Brasil. De acordo com Juliana Borges (2018, p. 19), o tráfico lidera as tipificações para o encarceramento no Brasil, e desde 1990 até 2016 houve um aumento de 707% de pessoas encarceradas, sendo que o crescimento abrupto ocorre justamente a partir de 2006.

Portanto, é possível pensar na Lei de Drogas no Brasil como uma atualização das leis racistas do início do século XX que atua no sentido de manter a hierarquização racial. É possível pensar todo o sistema de justiça criminal não apenas perpassado por uma lógica racista, mas como um dos principais – senão o principal – ambientes de reprodução do racismo. Em outras palavras, “mais do que perpassado pelo racismo, o sistema criminal é construído e

---

<sup>103</sup> Conforme <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-proibicao-da-maconha-e-racista/>

ressignificado historicamente, reconfigurando e mantendo essa opressão que tem na hierarquia racial um dos pilares de sustentação” (BORGES, 2018, p.40). Os versos seguintes são do grupo Rap Plus Size e dão uma ideia de como a atuação estatal está historicamente alinhada com a continuidade do racismo e do seu caráter sistêmico:

*Vai chamar de desacato (vai)  
Só que é legítima defesa  
Eu contra-ataco, destaco  
Já que a mídia não tem revelado  
Seu genocídio velado  
Em prol da negligência do Estado  
Criando cárcere daqui a Cáceres  
Vermes são cânceres, **poder armado estrutural**  
**Extermínio programado desde o pré-colonial**  
Garantindo expansão econômica pra Portugal (vermes) (RAP PLUS SIZE, 2019)<sup>104</sup>*

Há um ambiente específico onde violência simbólica e violência física se encontram. A repressão que rotineiramente acontece em favelas e periferias irá atingir também as práticas culturais desses ambientes, especialmente aqueles capazes de oferecer lazer e de juntar um número expressivo de pessoas. Tanto bailes funks quanto rodas de rima são alvos de intervenção policial. Não raro, essas práticas artísticas são associadas a criminosos. E é necessário olhar essa questão por dois lados. O primeiro é que se trata da reprodução de uma estigmatização que ocorre historicamente contra manifestações culturais de grupos racializados. Da religiosidade ao lazer, os signos que não são aceitos pela ordem dominante, são estereotipados e observados com desdém. O segundo fator é que não se pode desconsiderar o ambiente onde aqueles jovens foram socializados. Um artista, ainda que eventualmente não concorde com o caminho escolhido por alguém que optou por se aproximar da criminalidade, não irá desfazer laços que podem ter sido construídos durante toda uma vida. Nas favelas, o pobre não tem nem direito ao erro, que já pode significar o fim de sua vida.

*Os irmão me ofereceram arma, ofereci um fone  
Cada um faz suas escolhas, pra não passar fome  
Pro destino ofereceram a alma, foram sujeito homem  
E quando eu penso em julgar, o silêncio me consome (DJONGA, 2018)<sup>105</sup>*

<sup>104</sup> Rap Plus Size part. Djonga, “Pipeline”, Álbum *A Grandiosa Imersão em Busca do Novo Mundo* (São Paulo, Trava Bizness, 2019)

<sup>105</sup> Djonga, “Junho de 94”, Álbum *O menino que queria ser Deus* (Belo Horizonte, Ceia, 2018)

Por isso, é necessário observar esse contexto antes de se defender ações policiais truculentas contra ambientes em que civis e traficantes dividem espaço. Constantemente, esse tipo de atitude tende a tratar todos que estão ali como bandidos ou coniventes de bandidos. Normalmente, quem defende esse tipo de repressão não cobra da mesma maneira as autoridades políticas para combaterem as vulnerabilidades existentes naqueles ambientes. E volta-se à questão de que é sempre a violência a ser utilizada nas favelas. É a criminalização da pobreza.

*Baile de Paraisópolis<sup>106</sup>, São Paulo, três saídas, três entradas  
Cercaram todas as saídas do baile e distribuíram porrada  
Um monte de gente com medo (Muitos, muitos, muitos)  
Pessoas amedrontadas, quem era pra te proteger está te matando  
E ainda inventam que as pessoas morreram pisoteadas  
Matando pessoas asfixiadas que só foram curtir um baile de favela (JHONY  
MC)<sup>107</sup>*

Essa integração de jovens na economia do crime ocorre em uma sociedade que dificulta as suas possibilidades de acesso a mecanismos de mobilidade social, ficando geralmente relegado a subempregos, trabalhos cansativos, quando não desempregados. A criminalidade surge, assim, como uma alternativa, principalmente a jovens sem muitos parâmetros de vivência no mundo. Essa questão é abordada por exemplo, na música “Mulher de Malandro”, da já falecida rapper Dina Di:

*Se o cara fez o que fez, foi pelo filho e por mim  
É sempre assim, a fome, a falta de dinheiro  
Miséria que leva um cara entrar em desespero (VISÃO DE RUA, 2001)<sup>108</sup>*

No contexto de sociabilidades dentro das favelas, envolvendo os membros de facções criminosas, essa inserção pode acontecer tanto pela proximidade dos jovens para com esses membros, quanto pelo “esquema de extorsão, de favores e dívidas contraídas com traficantes” (ZALUAR, 2004, p. 59). Uma não exclui a outra. A sedução é um elemento bastante forte para a escolha desses jovens:

“O poder do bandido armado e montado na grana é incontestável. Todos eles o temem. O adolescente que procura seus espelhos vê cada vez mais apenas essa figura que ostenta todos os atributos do poder que não admite oposição – a arma na cintura – bem como os objetos mais cobiçados do consumismo atual – o carro do ano, as

<sup>106</sup> O trecho faz referência à ação da Polícia Militar no baile de Paraisópolis, ocorrida em dezembro de 2019. Os policiais encurralaram os frequentadores dos bailes gerando pânico e correria. Nove pessoas morreram e a causa divulgada foi de pisoteamento. Conforme <https://brasil.elpais.com/sociedade/2019-12-08/quando-o-baile-funk-de-paraisopolis-se-calou-e-nao-por-bombas-da-pm.html>

<sup>107</sup> Jhony MC, “Meu nome é Jhony”, Álbum *Meu nome é Jhony* (Rio de Janeiro, Baguá Records, 2020)

<sup>108</sup> Visão de Rua, “Mulher de Malandro”, Álbum *Ruas de Sangue* (Campinas, Atração, 2001)



roupas de grife, o brilho do pó. Contudo (...) as ilusões do heroísmo bandido vão-se desfazendo à medida que eles amadurecem (...) a permanência neste mundo é plena de dúvidas quanto aos valores e regras de uma atividade que os põe cotidianamente em contato com a morte, com a guerra. (*Ibidem*, p.63)

Por isso, elementos já tão banalizados na vivência desses ambientes, como armas, drogas e sexo, estão tão presentes também nas letras. Demonstrem de maneira explícita, como se dá essa construção da idealização desse acesso a um *status* que nunca se teve na cabeça do jovem que opta pela criminalidade. Em alguns casos, os músicos fazem alusão ao tráfico de drogas, deixando no ar que podem estar afiliados àquela organização, como no caso do trapper Meno Tody: *Mina eu sou o Meno Tody' o trapstar do CV* (MENO TODY, 2019)<sup>109</sup>. Por um lado, esses artistas podem apenas estar querendo mostrar como acontece naturalização da violência e da criminalidade, por outro, ainda que o ambiente da favela seja cheio de vulnerabilidades corre-se o risco de incentivar a adesão a uma organização que pode encurtar ainda mais o tempo de vida de um jovem. É importante ressaltar que não se visa aqui estigmatizar essa forma de fazer arte, os mesmos significantes que atravessam o jovem que opta pelo tráfico, pode atravessar também o jovem que produz arte. E uma arte a partir de seus próprios pressupostos e não os da sociedade que o marginaliza, pois como afirma o cientista social Gabriel Feltran:

“(...) se usualmente o ‘crime’ é figurado no polo oposto da lei e da ordem, bem como dos valores morais que amparariam a política e a comunidade, nessa tradição expressiva ele progressivamente *salvuarda a paz, a justiça, a liberdade e a igualdade*, construindo um ideal normativo específico, que legislaria a ordem das periferias. O ‘crime’ seria, nessa perspectiva, o esteio de uma comunidade centralmente afeita a valores justos. Comunidade que, por isso, denuncia, a injustiça dos estigmas a que é submetida (...)” (FELTRAN, 2013, p. 46)

Portanto, mais importante do que julgar ou não essas manifestações discursivas, é necessário expor as estruturas sociais – violentas – que levaram a essa situação, como questiona Negra Li: *Meus ancestrais traficados no Atlântico/ Ainda querem a gente pacífico?* (DEVASTO PROD, 2019)<sup>110</sup>

Não existe uma relação determinista entre pobreza e criminalidade. Mas as desigualdades sociais são fatores importantes que podem servir de motivação, junto ao *ethos* presente nesses ambientes e a formação da cosmovisão de jovens, principalmente do sexo masculino, que influenciam a adesão a essas organizações criminosas. No supracitado documentário Notícias de uma guerra particular, há o depoimento de uma moradora da favela Santa Marta (Rio de Janeiro) chamada Janete, que mostra o quanto essa relação do tráfico com a comunidade é ambígua:

<sup>109</sup> Meno Tody, “Bailão”, *single* (Rio de Janeiro, independente, 2019)

<sup>110</sup> Devastoprod part. Amiri, Negra Li e Froid, “Vish”, *single* (São Paulo, Black Work Gang, 2019)

“O tráfico de um lado melhorou, de outro lado não. Porque antes de existir o tráfico, a polícia quando entrava na favela, ela já entrava metendo o pé na porta da sua casa e já vinha quebrando tudo. Então essas arma quando entraram na comunidade através do tóxico, fez com que eles entrassem com mais cautela, entendeu? Eles andam com medo porque tá sabendo que essa nova geração, essa juventude, eles têm espírito suicida. Eles não querem saber se vão morrer, se vão matar. Eles querem defender a comunidade dessa entrada violenta da polícia. É o lado bom das arma. Agora, o lado negativo, o lado cruel das arma, é que quando eles tem que cobrar seja de pessoas lá de baixo, seja da nossa comunidade, eles não vão medir. Eles não querem saber se é menor, se não é, entendeu? Se eles puderem matar, esquarterar e cortar e colocar lá pra todo mundo ver, como exemplo, pra ninguém vacilar porque senão vai pra vala, eles são capazes disso.” (Notícias de uma guerra particular, 1999)

Os rappers sabem por viverem nesses espaços que essa sedução existe, muitas vezes a jovens que ainda tem muito pouco discernimento da vida. “A radicalidade do rap consiste também em reivindicar a inclusão desse sujeito cuja exclusão é a própria condição de existência do sistema, reconhecendo no dilema do detento e do marginal o destino de toda a periferia enquanto avesso da civilização brasileira” (OLIVEIRA, 2018, p. 35). Em “Criminal Influencer”, o músico Leall mostra como as sociabilidades podem ser atravessadas pela influência da criminalidade em jovens negros moradores das periferias:

*Em cada viela, um menor revoltado  
Guiado pelo Onipotente  
Uns desce pro assalto e outros gostam de guerra, gastando cartucho do pente  
Quem vem de fora se assusta, as crianças na rua e a violência presente  
É rádio na cintura, é balão na postura  
O.G.<sup>111</sup>, Criminal Influencer (LEALL, 2019)<sup>112</sup>*

Por esse motivo, o rap muitas vezes assume uma postura de como se fosse uma voz de conscientização das favelas. Quando se dirigem à periferia, buscam “passar a visão” e não incentivar que mais jovens optem por um caminho que o leve a um ciclo de morte.

*Demorou, mas hoje eu posso compreender,  
Que malandragem de verdade é viver  
(...)  
Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho  
Entre no trem da malandragem, o meu rap é o trilho (RACIONAIS MC'S,  
1997)<sup>113</sup>*

<sup>111</sup> O.G. é uma sigla que remete ao álbum *O.G. Original Gangster* (1991) do rapper norte-americano Ice-T.

<sup>112</sup> Leall, “Criminal Influencer”, *single* (Rio de Janeiro, independente, 2019)

<sup>113</sup> Racionais MC's, “Fórmula Mágica da Paz”, Álbum *Sobrevivendo no inferno* (São Paulo, Cosa Nostra, 1997)

Quando se dirigem ao restante da sociedade, ora desafia os valores que são defendidos por ela de forma hipócrita, ora os recordam que não estão em condições de julgar aquele que, pressionado pelas dificuldades (ou até impossibilidades) impostas pela vida tem, cede a atitudes tidas como criminosas. Esse verso de Emicida evidencia ainda como o sujeito branco normalmente se coloca como universal e capaz de discursar sobre qualquer assunto estando na posição de julgar, diante disso o rapper desafia o interlocutor hipotético: “cê lá faz ideia?”.

*Na boca de quem apoia a desova  
E se orgulha da honestidade que nunca foi posta a prova  
Eu queria te ver lá tiriça, pra ver onde cê ia enfiar essa merda do seu senso  
de justiça (EMICIDA, 2010)<sup>114</sup>*

#### 4.3. A dimensão política

Ao avaliar as letras de rap, creio que se pode dizer que a dimensão política ocorre em três dimensões. Existem raps que estarão voltados para uma dimensão mais de entretenimento e busca ser uma fonte de diversão e descontração, algo que tem sua importância enquanto elemento agregador e por preencher uma dimensão necessária de uma vida digna humana, voltada para o lazer e descontração. Outros adotarão um tom mais crítico e evidenciando as consequências do racismo que são sentidas ou observadas no ambiente em que se vive e denunciarão e marcarão posição de oposição. E há ainda aqueles que proporão reflexões ainda mais profundas acerca do racismo, de onde vem, por que ocorre, como se estrutura, em alguns casos incluindo até conceitos estabelecidos por intelectuais negros e negras que pensam o racismo. Às vezes essas diferentes dimensões podem ocorrer simultaneamente dentro de uma mesma música.

No rap ocorre uma série de construções de discursos anti-hegemônicos que disputam, muitas vezes de forma fervorosa, o debate e o espaço público. Nessa cultura existe constantemente a autoafirmação por meio da valorização do estilo, das posses materiais, dos signos afro-brasileiros, da associação da negritude a valores positivos, das técnicas e habilidades na construção de uma música, da lembrança de personalidades negras importantes. Tudo isso ocorre num processo de “sujeitificação”. A intenção é opor-se à *objetificação*, resultado do processo colonizador, como explicou Fanon. Portanto, esse tornar-se sujeito é o primeiro passo para uma disputa do campo político, sobretudo numa sociedade de caráter estigmatizante. E essa é uma questão abordada pelos rappers do grupo Antiéticos:

<sup>114</sup> Emicida, “Cê lá faz ideia”, Álbum *Emicídio* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2010)

*Como é que eu vou dizer  
Que o racismo aqui morreu  
Se todos com a minha cor  
Tem crise de identidade? (ANTIÉTICOS, 2014)<sup>115</sup>*

A arte é um elemento muito importante nesse processo, pois ocorre no campo da cultura, no campo da construção de significados, aqueles elementos que formam o que uma sociedade pensa, o que ela valoriza e o que ela recalca. Como afirma a cientista política Angela de Castro Gomes “a arte é instrumento de memória e política; de como a memória é fundamento de uma identidade e de uma identidade que luta por direitos” (GOMES, 2007, p. 12). Essa disputa dos significantes acerca da negritude é muito presente no rap, e vários dos elementos enumerados acima pode ser observada na pujante “Emergência”, da rapper Preta Ary:

*É ter referência na escola e na tela / não só lembrado senzala e favela  
Sou descendência realza bela / Dita Justino, Mahin<sup>116</sup> e Benguela<sup>117</sup>  
Respeita a coroa, turbante altivo / O que é resistência? Fator decisivo.  
Se a sua doença: racismo na essência / Que impede o meu povo de se  
manter vivo  
“Laico é o caralho!”, é o terreiro que diz / Hostilizado por sua matriz  
Embranquecimento, sujo e sangrento / Quando se refere África raiz  
O que vem de nós, nunca é bom, o que lembra nós, nunca é bom  
Mas dança umbigada de saia rodada e pula 7 ondas no réveillon.  
Pra que tanto ódio e tanto horror / Nos frutos estranhos que Billie  
cantou?<sup>118</sup>  
Nas ruas, metrópoles, interior / Nas redes sociais, só se multiplicou.  
“I have a dream”<sup>119</sup>, poder, anarquia / O que cês temem é a nossa  
autarquia  
Embora distante, o passo tá constante / Blacks para o alto, que cês não  
queria  
Denúncia, resgate, nada mais, só empate  
Motivar meus irmão, neguim, que são a meta de abate  
Empoderar meu povo, mantê-lo vivo / Chega de perecer e de ser cativo  
(ARY, 2019)<sup>120</sup>*

<sup>115</sup> Antiéticos, “Contraventor dos comédia”, Álbum *Ética Molotov* (Rio de Janeiro, Mondé, 2014)

<sup>116</sup> Luísa Mahin teria sido uma ex-escravizada do início do século XIX que teria tomado parte na articulação de levantes de escravos na região da Província da Bahia.

<sup>117</sup> Tereza de Benguela foi uma líder quilombola durante cerca de duas décadas no século XVIII, do Quilombo do Piolho, tendo resistido à escravidão até 1770.

<sup>118</sup> O trecho faz referência à canção *Strange Fruits* que ficou famosa na voz da cantora de jazz negra Billie Holiday. A canção é de uma época onde as relações raciais nos Estados Unidos eram muito problemáticas e os “frutos estranhos” mencionados na letra seriam uma metáfora para os corpos de pessoas negras enforcadas em árvores.

<sup>119</sup> “I have a dream” é referente ao famoso discurso realizado por Martin Luther King em 1963. É um dos mais conhecidos acontecimentos acerca da luta pela igualdade entre negros e brancos.

<sup>120</sup> Preta Ary, “Emergência”, *single* (São José dos Campos, indepente, 2019)

O objetivo não é apenas fixar-se na resistência, mas no empoderamento. A finalidade é mudar as regras do jogo racista para que possam permanecer vivos. O racismo é tão introjetado na sociedade que se reflete até na nossa própria linguagem. Não são poucos os exemplos da Língua Portuguesa que associam negritude à aspectos negativos. Em “A coisa tá preta”, o rapper Rincon Sapiência ressignifica o termo:

*Se eu te falar que a coisa tá preta  
A coisa ta boa, pode acreditar  
Seu preconceito vai arrumar treta  
Sai dessa garoa que é pra não molhar (SAPIÊNCIA, 2017)<sup>121</sup>*

Com isso, o corpo das pessoas negras ganha uma centralidade especial. O corpo negro foi constantemente dominado ao longo da história, seja pela opressão pura e simples, legalizada, como no caso da escravidão – e que guarda relação com o controle dos corpos atualmente por meio da atuação da justiça criminal – seja na estigmatização dos traços que não são considerados padrões no mundo branco, o que se configura como um ataque psicológico a pessoas de pele negra.

Nesse sentido, além da associação de elementos culturais de raízes africanas e do corpo negro a aspectos positivos faz parte desse “tornar-se sujeito” a elevação da autoestima e disputa do espaço político. A escolha por valorizar os traços de negritude que normalmente são ridicularizados (seja de forma velada, seja de forma explícita) é essencial pois significa uma escolha deliberada de não aceitar mais essa subalternização imposta. Por isso, a valorização, por exemplo, do cabelo crespo e da pele preta serão tematizados com alguma frequência pelos rappers: *cabelo pixain, da pele preta/ Aparência não me rebaixa, porque amo ser negra (PRETA RARA, 2015).*<sup>122</sup>

E criticam a frequente relação que é feita entre negritude e violência, ou criminalidade:

*Mas você que segura sua bolsa na frente  
Quando anda na rua e vê um da gente  
Agora não me venha ser prepotente  
Escrever no Instagram: somos todo Maju (PROJOTA, 2016)<sup>123</sup>*

Em 2014, o cineasta Pedro Fávoro lançou um documentário chamado O Rap pelo Rap (2014), onde entrevista vários MCs conhecidos da cena para falarem sobre essa cultura.

<sup>121</sup> Rincon Sapiência, “A coisa tá preta”, Álbum *Galanga Livre* (São Paulo, Boia Fria Produções, 2017)

<sup>122</sup> Preta Rara, “Falsa Abolição”, Álbum *Audácia* (Cotia, OQ Prod., 2015)

<sup>123</sup> Projota, “O Portão do Céu – Ao Vivo”, Álbum *3Fs (Ao Vivo)* (São Paulo, EMI Records Brasil, 2016)

Constantemente, o rap é abordado como um divisor de água na vida desses músicos e uma fonte primordial de aprendizado. Não à toa, os rappers reproduzem isso e costumam colocar as suas visões para os jovens que os escutam.

*Frantz Fanon que o diga  
Tira essa máscara branca (...)  
Os menor leu bell hooks  
E foi minha ideia irmão (WELL, 2017)<sup>124</sup>*

A ideia de se aprofundar na história e no pensamento de personalidades negras importantes é uma questão relevante para disputar um espaço politicamente. As referências a Frantz Fanon e bell hooks não surgem aqui de forma isolada, inclusive o restante dessa música faz referência a várias outras personalidades negras. Destaco essa parte na intenção de mostrar como os próprios rappers sabem da necessidade de se estruturar na população negra um pensamento mais aprofundado sobre a questão da negritude e como ela se localiza numa sociedade branca, justamente para que os próprios negros e negras não reproduzam os sentidos comuns racistas que ocorrem normalizados nessa sociedade branca. Um outro exemplo está em *Psicopretas vol. 1* (2018)<sup>125</sup>, uma *cypher* composta apenas de rappers mulheres cujo videoclipe inicia com a seguinte fala da intelectual negra Angela Davis: “*Por outro lado, pela maneira como essa sociedade está organizada, por causa da violência que existe em todas as partes, é de se esperar que seja tão explosivo e que as coisas desse tipo aconteçam.*”<sup>126</sup>

É importante ressaltar, porém, que o rap não é uma arte militante, embora seja engajada politicamente. Os discursos presentes no rap não são homogêneos, embora exista vários aspectos convergentes na abordagem dos vários artistas. Uma arte militante se refere à adoção de uma posição “dentro de lutas políticas específicas, com suas facções ideológicas bem delimitadas” (NAPOLITANO, 2011, p. 4). Ainda assim, é possível perceber no rap um padrão de oposição à ordem dominante seja ela discursivamente mais associada à branquitude ou ao capital. Na avaliação desse trabalho, ambas estão associadas, ou seja, o capitalismo criou a racialização e conseqüente subalternização social de pessoas negras como elemento de geração de desigualdades. Mas esses fatores nem sempre aparecem associados de forma clara nas letras de rap. Não explorarei profundamente essa questão, mas afirmo que através do engajamento da

<sup>124</sup> Well part. Djonga, “Muito bem feito”, *single* (Belo Horizonte, AnteHype, 2017)

<sup>125</sup> Sistah Chilli, Danna Lisboa, Bia Doxum, Anarka, Dory de Oliveira, Cris SNJ, “*Psicopretas vol.1*”, *single* (São Paulo, Narceja Produções, 2018)

<sup>126</sup> Em outras duas músicas citadas nesse trabalho ocorre o mesmo. Em *Manifesto/Pule Garota* há uma longa fala de Djamila Ribeiro, que foi convidada para participar da faixa. Em *Emergência de Preta Ary* há a inclusão de um excerto tirado de uma palestra também de Djamila Ribeiro e uma fala da cantora negra Nina Simone.

população negra, por aqueles fruidores do rap, seja por meio do entretenimento, seja objetivando uma abordagem mais profunda, há a oposição a uma ordem dominante e um anseio e objetivo de desfazer as injustiças sociais que têm suas origens no colonialismo.

*Meto terno por diversão  
É subalterno ou subversão?  
Tudo era inferno, eu fiz inversão  
A meta é o eterno, a imensidão  
Como abelha se acumula sob a telha  
Eu pastoreio a negra ovelha que vagou dispersa  
Polinização pauta a conversa  
Até que nos chamem de colonização reversa (EMICIDA, 2019)<sup>127</sup>*

---

<sup>127</sup> Emicida part. Dona Onete, Jé Santiago, Papillon, “Eminência Parda”, Álbum *Amarelo* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2019)

## 5. CONCLUSÃO

*Pro mundo eu tenho cara de bandido  
 Pros que são igual a mim eu sou quem livra eles disso  
 Dominando o centro quem veio da margem  
 Cansados de morrer na primeira cena de algum curta metragem (FEBEM,  
 2019)<sup>128</sup>*

É possível perceber nas letras de rap a emissão de opiniões acerca de vários problemas existentes no mundo. Em muitos casos os juízos emitidos estão em associação com as vivências observadas diariamente que são consequências do racismo, ou seja, na retratação da realidade, na exposição das arbitrariedades policiais, nas desigualdades socioeconômicas, na denúncia dos ambientes desfavoráveis a uma vida digna. Em outros casos os rappers buscam abordar esses problemas de forma mais aprofundada, chegando a tocar em temas que são substrato para a reflexão acerca do caráter estrutural do racismo. De uma forma de outra, vejo no rap um ambiente de construção de sentidos e disseminação de conhecimento.

No trecho exposto acima, o rapper BK, no verso “dominando o centro quem veio da margem”, parece fazer uma referência a conceitos de margem e centro presentes na obra de bell hooks. Para hooks,

“(…) as pessoas negras têm, desde a escravidão, compartilhado em suas conversas entre umas com as outras um conhecimento “especial” sobre a branquitude, extraído da observação próxima de pessoas brancas. Considera-se esse conhecimento como “especial” porque é uma forma de conhecimento que não foi registrada completamente em materiais escritos, o seu objetivo era de ajudar pessoas negras a aguentar e sobreviver em uma sociedade branca supremacista. Durante anos, servos domésticos negros trabalhando em lares brancos, agindo como informantes, levaram conhecimento de volta a comunidades segregadas – detalhes, fatos, observações e leituras psicanalíticas do Outro branco” (HOOKS, 1995, p. 31)

Por isso, ao avaliar os discursos presentes no rap consigo perceber uma fonte de aprendizado de situações que grupos sociais não subalternizados não vivenciam. E saber refletir criticamente sobre essa realidade é importante num contexto de luta por uma sociedade verdadeiramente igualitária. As narrativas existentes no rap são capazes de mostrar situações que pessoas brancas sequer teriam noção da opressão vivida por negros e negras. Um olhar atento e empático de sujeitos brancos a essas narrativas pode provocar uma mudança de atitude em relação ao racismo que é reproduzido cotidianamente. Quando, por exemplo, a rapper Karol Conká canta “*a mocinha quer saber por que ainda ninguém lhe quer, se é porque a pele é preta*

<sup>128</sup> Febem part. BK e Akira Presidente, “Esse é meu estilo”, Álbum *Running* (Belo Horizonte, Ceia, 2019)



*ou se ainda não virou mulher*”<sup>129</sup>, ela coloca uma situação existente na vida de uma mulher negra que poderia passar totalmente despercebida por mim, um homem branco.

Além disso, o rap, enquanto potência artística e gerador de afetividades, tem a capacidade de atingir um grande número de pessoas – de “dominar o centro” – e isso é perceptível pelo fato de ser o hip hop um dos gêneros musicais mais escutados no mundo. Isso, porém, não deveria ser desassociado do discurso trazido majoritariamente no rap, que se encaixa na reflexão acerca de margem e centro proposta por hooks. Concordo com Kilomba (2019, p.69) quando ela afirma que “é o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito” e uma possibilidade de se fazer isso é valorizando as narrativas marginais presentes no rap. Portanto, para sujeitos brancos creio que seja um dever ético ouvir as reflexões que são produzidas acerca do racismo e se informar sobre as graves consequências que gera para a vida de pessoas negras – e o rap é uma ótima forma de se fazer isso, dado o seu caráter de espontaneidade.

Porém, evidentemente, a discussão sobre racismo não deve ter no papel da branquitude sua reflexão central. Por isso, o rap se refere preferencialmente àqueles que compartilham a vivência da margem, e nesses casos a cultura hip hop se mostra como um apontador de caminhos, como alternativa de mobilidade social, como possibilidade de uma vida com dignidade, como gerador de autoestima ao valorizar os signos associados às culturas afrodescendentes e também os aspectos físicos presentes nos corpos negros e até como fonte de aprendizado de reflexões mais aprofundadas. Tudo isso ocorre no sentido de estabelecer o fortalecimento de uma identidade negra e, conseqüentemente, de um senso de pertencimento que é constantemente ameaçado numa sociedade racista.

Como dito anteriormente, o rap não produz discursos de forma homogênea. Então, embora geralmente se reconheça como alvo e se coloque contra os valores das classes dominantes, estabelece com ela diferentes gradações de negociação. Havendo inclusive a possibilidade de cooptação e apropriação. Creio que é absolutamente justo que pessoas de classes sociais subalternizadas busquem nas brechas desse sistema hierarquizado racialmente possibilidades de uma vida digna. Essas negociações são necessárias no sentido de que podem prover a mudança de vida de alguns sujeitos. No entanto, nunca se pode perder de vista a necessidade de enfrentamento a nível estrutural, caso contrário a abordagem do racismo sempre será superficial e preocupada mais em angariar um público consumidor do que conscientizar de

---

<sup>129</sup> Karol Conká, “Marias”, EP *Promo* (Curitiba, independente, 2011)

fato para uma mudança significativa de toda uma população marcada racialmente. Essa questão é abordada, por exemplo, no single “*Poco*”, da dupla formada pelas irmãs Tasha e Tracie:

*Criminaliza e suga existência ao mesmo tempo*  
*Empatia só pra vender seu marketê*  
*Fala pra mim, por mim não fala*  
*Ceis deixa claro que*  
*Noiz é público alvo*  
*Alvo de bala, alvo de bala*  
*Público alvo de bala (TASHA & TRACIE, 2020)*<sup>130</sup>

O objetivo, em última instância, é o estabelecimento de uma sociedade desracializada e, por isso, sem hierarquizações baseadas na cor de pele. Afinal, como colocado no capítulo 3 deste trabalho, o racismo tem a capacidade de mudar as justificativas ideológicas para se manter vigente, mesmo porque o ideário dominante dispõe dos dispositivos materiais para se manter. E um exemplo disso é como a mudança do discurso do racismo científico para o da democracia racial não significou um empoderamento da população negra, como ainda por cima tornou a reprodução do racismo mais sutil e menos perceptível para as camadas da sociedade que não são subalternizadas.

Por isso, a potencialidade cultural e de alcance de público que o rap pode atingir deve ser aproveitada para gerar um número cada vez maior de pessoas conscientizadas. Mas tendo em vista que as narrativas mais radicais serão sempre recalçadas pelo senso comum e pelos discursos hegemônicos. Então, creio ser necessário uma associação das lutas políticas que tem na descolonização e na desestruturação do capitalismo – que se associa com o racismo – seu objetivo final, com a cultura hip hop para que as classes subalternizadas possam se engajar na construção de um projeto político que não os inferiorize sistematicamente.

---

<sup>130</sup> Tasha & Tracie, “*Poco*”, *single* (São Paulo, Ceia Ent. 2020)

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

ANISTIA INTERNACIONAL. *Você matou o meu filho! Homicídios cometidos pela Polícia Militar na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Voce-matou-meu-filho\\_Anistia-Internacional-2015.pdf](https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Voce-matou-meu-filho_Anistia-Internacional-2015.pdf). Acessado em: 21/07/2020.

BORGES, Juliana. *O que é encarceramento em massa?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018

BUENO, Samira. CERQUEIRA, Daniel; LIMA, Renato. Sob fogo cruzado II: letalidade da ação policial. In: *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2013*, 2013. Disponível em: [https://forumseguranca.org.br/storage/7\\_anuario\\_2013-corrigido.pdf](https://forumseguranca.org.br/storage/7_anuario_2013-corrigido.pdf). Acessado em: 21/07/2020.

CANCLINI, Nestor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CARNEIRO, Sueli. *Documento da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras: Rumo à III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância*. 2008. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ideologia-tortuosa/>; Acessado em: 10/06/2020

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira *et al.* *Atlas da Violência 2019*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acessado em: 20/07/2020

FANON, Frantz. *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008

\_\_\_\_\_. Racismo e Cultura. In: MANOEL, Jones; LANDI, Gabriel (orgs.). *Revolução Africana: uma antologia do pensamento marxista*. 1ª ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2019. p.63-77

FELTRAN, Gabriel. Sobre anjos e irmãos: cinquenta anos da expressão política do “crime” numa tradição musical das periferias. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* n.56, p.43-72, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/68768/71322>. Acessado em: 20/07/2020

FERNANDES, Joseli; PEREIRA, Cilene. Do griot ao rapper: narrativas da comunidade. *Revista da Universidade do Vale do Rio Verde*, Três Corações, v.15, n.2, 2017. p.620-632.

Disponível em: [http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/4261/pdf\\_705](http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/4261/pdf_705). Acessado em: 20/07/2020

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019*, 2019. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>. Acessado em: 20/07/2020

FRANCO, Marielle. *UPP: a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Administração*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Administração da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo. Universidade Federal Fluminense, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2166/1/Marielle%20Franco.pdf>. Acesso em: 14 maio 2020.

GOMES, Angela de Castro. Prefácio. In: ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar. (orgs.) *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007

GONÇALVES, Juliana. A crise da água no Rio de Janeiro é a necropolítica pela torneira. *The Intercept*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/01/21/a-crise-da-agua-no-rio-de-janeiro-e-a-necropolitica-pela-torneira/>. Acesso em: 17 jul. 2020.

GONÇALVES, Rôssi Alves. Rep e repressão: uma rima quebrada. *Música Popular em Revista*, Campinas, p.54-69, jul-dez, 2017. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/muspop/article/view/1007/1101>. Acessado em: 20/07/2020.

GORENDER, Jacob. *Brasil em preto & branco: O passado escravista que não passou*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019. [Versão para Kindle]

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araujo. A globalização e as novas identidades: o exemplo do Rap. *Perspectivas*, São Paulo, v.31, p. 169-186, 2007.

HERSCHMANN, Micael. Na trilha do Brasil contemporâneo. In. HERSCHMANN, Micael. (org.) *Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HIRSCH, Joachim. Forma Política, instituições políticas e Estado – I. *Crítica Marxista*, Campinas, p. 9-36, 2007. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/artigo212artigo1.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo212artigo1.pdf).

Acesso em: 10 jun. 2020.

HOOKS, bell. *Killing Rage: ending racism*. 1ª ed. New York, Henry Holt and Company, 1995

- \_\_\_\_\_. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. 1ª ed., São Paulo: Elefante, 2019
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 1ª ed., Rio de Janeiro: Cobogó, 2019
- LARAIA, Roque. *Cultura: um conceito antropológico*. 22ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008
- MAGNANI, José Guilherme. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I – o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018
- MIRA, Maria Celeste. Do recalque ao realce: o enegrecimento da cultura popular brasileira e o jogo político das identidades. *Revista Pós Ciências Sociais – Repocs*. São Luís, v.14, n.28, jul-dez, \_\_\_\_\_, 2017. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/7293>. Acesso em: 14 julho 2020.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 20, n. 39, 2000. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/28422/S0102-01882000000100009.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 21/07/2020
- MOREIRA, Adilson José. *Racismo Recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- MOURA, Clóvis. *Escravidão, colonialismo, imperialismo e racismo*. Afro-Ásia. Salvador, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Dialética radical do Brasil negro*. São Paulo: Fundação Maurício Grabois; Anita Garibaldi, 2014.
- MOURA, Marcos Vinícius (org.). *Levantamento nacional de informações penitenciárias: atualização em junho de 2017*. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Brasília, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. *Revista Temáticas*. Campinas, v.19, p.25-56, 2011.
- OLIVEIRA, Acauam Silvério de. O Evangelho marginal dos Racionais MC's. In. MC'S, Racionais. *Sobrevivendo no Inferno*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

- OLIVEIRA, Roberto Camargos de. *Rap e Política: Percepções da vida social brasileira*. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015
- PAIXÃO, Marcelo *et al.* *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil: 2009-2010*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Relat%C3%B3rio\\_2009-2010.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Relat%C3%B3rio_2009-2010.pdf). Acessado em: 21/07/2020.
- PEDRINHA, Roberta Duboc. Rio Quarenta Graus Sob o Ritmo de Morte. *Revista Emerj*. Rio de Janeiro, v.18, n.67, p. 63-75, jan-fev, 2015. Disponível em: [https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj\\_online/edicoes/revista67/revista67\\_63.pdf](https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista67/revista67_63.pdf). Acessado em: 10/06/2020.
- PINHEIRO, Luana *et al.* *Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014*. IPEA, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/6524>. Acessado em: 21/07/2020.
- PRUDENTE, Eunice Aparecida de Jesus. O negro na ordem jurídica brasileira. *Revista da Faculdade de Direito da USP*. São Paulo, v. 83, p.135-149, 1988. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67119/69729>. Acesso em: 21/07/2020.
- RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte, Letramento: Justificando, 2017.
- ROSE, Trícia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no Hip-Hop. In: HERSCHMANN, Micael. (org. ). *Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p.192-212.
- SACCO, Airi Macias. *Orgulho e preconceito: o desenvolvimento de atitudes raciais implícitas e explícitas em crianças de Porto Alegre e Salvador: Dissertação de Doutorado em Psicologia*. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/134432>. Acessado em: 21/07/2020
- SADER, Emir. *Perspectivas*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. Filosofia, diversidade e a questão do negro: argumentos criados no seio da filosofia podem nos auxiliar a entender a questão racial contemporânea? *Revista da ABPN*, Brasília, v.1, n.2, p 7-30, 2010 . Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/288>. Acessado em: 21/07/2020
- SENADO FEDERAL. *Relatório Final CPI Assassinato de Jovens*. SENADO FEDERAL. Brasília, 2016. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>. Acessado em: 21/07/2020

TURE, Kwame; HAMILTON, Charles. *Black Power: The Politics of Liberation*. New York: Random House, 1967 [versão para Kindle]

VELLOZO, Júlio Cesar de Oliveira; ALMEIDA, Silvio Luiz de. O pacto de todos contra os escravos no Brasil Imperial. *Revista Direito e Práxis*. São Paulo, v.10, p.2137-2160, 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/40640/30317>>. Acesso em: 14 de maio de 2020.

WAGNER, Christiane. Arte e Realidade. *Revista de Cultura e Extensão USP*. São Paulo, n. 14, p 41-51, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rce/article/view/112281/110260>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZALUAR, Alba. *Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

### **Lista de músicas**

509-E, “Só os fortes”, Álbum *Provérbios 13* (São Paulo, Atração, 2000)

ADL part. BK, Funkero, MV Bill, Favela Vive 2, *single* (Rio de Janeiro, Esfinge Produções, 2017)

ADL part. Choice, Djonga, Menor do Chapa e Negra Li, “Favela Vive 3”, *single* (Rio de Janeiro, Além da Loucura, 2018)

ADL, “Solo Sagrado”, *single* (Rio de Janeiro, Além da Loucura & Favela Cria, 2020)

Amiri, “Pantera Preta”, *single* (São Paulo, Mudroi, 2018)

Antiéticos, “Contraventor dos comédia”, Álbum *Ética Molotov* (Rio de Janeiro, Mondé, 2014)

Antiéticos, “Nós por nós”, Álbum *Ética Molotov* (Rio de Janeiro, Mondé, 2014)

Azzy part. Lourena, Nabrisa, Nobru Black, Thai Flow e Gabz, “1910”, *single* (São Paulo, World Rap Music, 2019)

Black part. Djonga, “Luto”, *single* (Rio de Janeiro, A Banca Records, 2018)

Borges part. Flack e Meno Tody, “Real Trap”, *single* (Rio de Janeiro, BlakkClout, 2020)

Borges part. Flacko, “Ak do Flamengo”, *single* (Rio de Janeiro, BlakkClout, 2019)

Coruja BC1, “Lágrimas de Odé”, Álbum *Psicodelic* (São Paulo, independente, 2019)

Criolo, “Boca de Lobo”, *single* (São Paulo, Oloko Records, 2018)

Criolo, “Cartão de Visita”, Álbum *Convoque seu Buda* (São Paulo, Oloko Records, 2014)

- Criolo, “É o teste”, Álbum *Ainda há tempo* (São Paulo, independente, 2006)
- Devasto Prod part. Rincon Sapiência, BK, Rael, Emicida, Djonga e Mano Brown, “O céu é o limite”, *single* (São Paulo, Black Work Gang, 2018)
- Devasto Prod part. Amiri, Negra Li e Froid, “Vish”, *single* (São Paulo, Black Work Gang, 2019)
- Don L part. Nego Gallo, “Aquela Fé”, Álbum *Roteiro para Aïnouz (Vol. 3)* (São Paulo, independente, 2017)
- Djonga part. Doug Now e Chris MC, “Voz”, Álbum *Ladrão* (São Paulo, Ceia Ent., 2019)
- Djonga part. Paige, “Corra”, Álbum *O menino que queria ser Deus* (São Paulo, Ceia Ent., 2018)
- Djonga, “Junho de 94”, Álbum *O menino que queria ser Deus* (São Paulo, Ceia Ent., 2018)
- DK part. Choice, “Corre, corre”, *single* (Rio de Janeiro, Além da Loucura, 2020)
- Eduardo Taddeo, “Democracia Racial de Sangue”, Álbum *Necrotério dos Vivos* (São Paulo, independente, 2020)
- Eduardo Taddeo, “Dossiê”, Álbum *A Fantástica Fábrica de Cadáver* (São Paulo, 1DaSul, 2014)
- Emicida part. Dona Onete, Jé Santiago, Papillon, “Eminência Parda”, Álbum *Amarelo* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2019)
- Emicida part. Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike, Raphão Alaafin, “Mandume”, Álbum *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2015)
- Emicida part. Jota Ghetto, “Boa Esperança”, Álbum *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2015)
- Emicida, “Cê la faz ideia”, Álbum *Emicídio* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2010)
- Emicida, “Dedo na ferida”, *single* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2012)
- Emicida, “Oorra...”, Álbum *Pra quem já mordeu um cachorro por comida, até que eu cheguei longe* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2009)
- Facção Central, “Assalto a Banco”, Álbum *Versos Sangrentos* (São Paulo, 1DaSul, 1999)
- Facção Central, “Isso aqui é uma guerra”, Álbum *Versos Sangrentos* (São Paulo, 1DaSul, 1999)
- FBC, “Contradições”, Álbum *S.C.A.* (Belo Horizonte, Pro Beats, 2018)
- Febem part. BK e Akira Presidente, “Esse é meu estilo”, Álbum *Running* (São Paulo, Ceia Ent., 2019)
- GOG part. Inquerito e Fábio Brazza, “Matemática na prática (pt. 2)”, *single* (Brasília, independente, 2019)
- Grandmaster Flash and The Furious Five, “The Message” Álbum *The Message* (Nova Jersey, Sugar Hill Records, 1982) – tradução do autor



- Inquérito part. Pop Black, Diomedes Chinaski e Nicole, “Histórias Reais”, Álbum *Tungstênio* (São Paulo, independente, 2018)
- Inquérito, “Eu só peço a Deus”, Álbum *Corpo e Alma* (Campinas, independente, 2014)
- Jhony MC, “Meu nome é Jhony”, Álbum *Meu nome é Jhony* (Rio de Janeiro, Baguá Records, 2020)
- Karol Conká, “Marias”, EP *Promo* (Curitiba, independente, 2011)
- Leall, “Criminal Influencer”, *single* (Rio de Janeiro, independente, 2019)
- MC Marechal, “Griot”, *single* (São Paulo, independente, 2011)
- Meire D’Origem, “A Profecia”, *single* (São José dos Campos, independente, 2018)
- Meno Tody, “Bailão”, *single* (Rio de Janeiro, independente, 2019)
- MV Bill, “Soldado do morro”, Álbum *Traficando Informação* (Rio de Janeiro, independente, 1999)
- MV Bill, “Um crioulo com uma arma”, Álbum *Traficando Informação* (Rio de Janeiro, independente, 1999)
- Nega MC, MC Primitivo, Strumiê, “Som de Festa”, *single* (São Carlos, independente, 2019)
- Negra Li, “Brasilândia”, Álbum *Raízes* (São Paulo, White Monkey Recordings, 2018)
- Orochi, “Nova Colônia”, Álbum *Celebridade* (Rio de Janeiro, Mainstreet Records, 2020)
- Os Metralhas, “Rap da Abolição”, Coletânea *O Som das Ruas* (São Paulo, Epic Records, 1988)
- Pacha Ana, “Poder para o povo preto”, Álbum *Omo Oyá* (Belo Horizonte, independente, 2018)
- Pacha Ana, Canto para Oyá, Álbum *Omo Oyá* (Belo Horizonte, independente, 2018)
- Preta Ary, “Emergência”, *single* (São José dos Campos, independente, 2019)
- Preta Rara, “Falsa Abolição”, Álbum *Audácia* (Cotia, OQ Prod., 2015)
- Projota, “O Portão do Céu – Ao Vivo”, Álbum *3Fs (Ao Vivo)* (São Paulo, EMI Records Brasil, 2016)
- Racionais MC’s, “Capítulo 4, versículo 3”, Álbum *Sobrevivendo no inferno* (São Paulo, Cosa Nostra, 1997)
- Racionais MC’s, “Fórmula Mágica da Paz”, Álbum *Sobrevivendo no inferno* (São Paulo, Cosa Nostra, 1997)
- Racionais MC’s, “Mágico de Oz”, Álbum *Sobrevivendo no Inferno* (São Paulo, Cosa Nostra, 1997)
- Racionais MC’s, “Negro Drama”, Álbum *Nada como um dia após o outro dia* (São Paulo, Cosa Nostra, 2002)
- Rael part. Emicida e MC Marechal, “O Hip Hop É Foda (Pt.2) [Remix]”, Álbum *Diversificando* (São Paulo, Laboratório Fantasma, 2014)

- Raffa Moreira, “Extendo”, Álbum *BC Raff Album* (Rio de Janeiro, Mondé, 2020)
- Rap Plus Size part. Djonga, “Pipeline”, Álbum *A Grandiosa Imersão em Busca do Novo Mundo* (São Paulo, Trava Bizness, 2019)
- Rashid part. Drik Barbosa e Wesley Camilo, “Um mundo de cada vez”, Álbum *Tão Real* (São Paulo, independente, 2020)
- Rashid, “Estereótipo”, Álbum *Crise* (São Paulo, Sony Music, 2018)
- Realidade Cruel, “Trilha Sonora do Gueto”, Álbum “*Dos barracos de madeirite aos palácios de platina*” (São Paulo, Ng2 Music Store, 2007)
- Realidade Cruel, “Trilha sonora do gueto”, Álbum *Dos barracos de madeirite aos palácios de platina* (São Paulo, Ng2 Music Store, 2007)
- Rimas e Melodias, “Elza”, single (São Paulo, independente, 2017)
- Rimas e Melodias, “Manifesto/Pule Garota”, Álbum *Rimas & Melodias* (São Paulo, independente, 2017)
- Rincon Sapiência, “A coisa tá preta”, Álbum *Galanga Livre* (São Paulo, Boia Fria Produções, 2017)
- Rincon Sapiência, “Afro Rep”, *single* (São Paulo, Boia Fria Produções, 2017)
- Sabotage, “País da Fome”, Álbum *Rap é compromisso! (Homens Animais)* (São Paulo, Cosa Nostra, 2000)
- Sharylaine, “Nossos dias”, Coletânea *Consciência Black Vol.1* (São Paulo, Zimbabwe, 1989).
- Sistah Chillli, Danna Lisboa, Bia Doxum, Anarka, Dory de Oliveira, Cris SNJ, “Psicopretas vol.1”, *single* (São Paulo, Narceja Produções, 2018)
- Sistema Negro, “Bem vindos ao inferno”, Álbum *Bem vindos ao inferno* (São Paulo, Zimbabwe, 1995)
- Tasha & Tracie, “Poco”, *single* (São Paulo, Ceia Ent. 2020)
- Tássia Reis, “Ouça-me RMX”, Álbum *Outra Esfera* (São Paulo, independente, 2016)
- Thiago Elniño part. Sant e Kmkz, “Pedagoginga”, Álbum *A Rotina do Pombo* (Rio de Janeiro, independente, 2017)
- Visão de Rua, “Mulher de Malandro”, Álbum *Ruas de Sangue* (Campinas, Atração, 2001)
- Voz sem medo part. Djelane, “Brasil 500 anos (Falso Sistema)” Álbum *Participações* (Brazlândia, independente, 2010)
- Well part. Djonga, “Muito bem feito”, *single* (Belo Horizonte, AnteHype, 2017)
- Xarope MC part. Djonga, “Escritores da liberdade”, *single* (Salvador, Studio Perc, 2018)
- Z’África Brasil, “A Cor que Falta na Bandeira do Brasil”, Álbum *Antigamente Quilombos Hoje Periferia* (São Paulo, independente, 2002)

### Matérias de jornais, blogs e sites

A pedagogia negra e feminista de bell hooks. *Portal Geledés*, 12/03/2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>. Acessado em: 21/07/2020

ALESSI, Gil. Quando o baile funk de Paraisópolis se calou (e não por bombas da PM). *El País*, 08/12/2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2019-12-08/quando-o-baile-funk-de-paraisopolis-se-calou-e-nao-por-bombas-da-pm.html>. Acessado em: 21/03/2020

ANTUNES, Pedro. Na mesma data que viu o pai ser baleado 18 anos antes, Coruja BC1 lança disco Psicodelic. *Rolling Stone*, 24/05/2019. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/na-mesma-data-que-viu-o-pai-ser-baleado-18-anos-antes-coruja-bc1-lanca-disco-psicodelic/>. Acessado em: 21/07/2020

BASILIO, Ana Luiza. Quinze anos depois, Lei 10.639 ainda esbarra em desconhecimento e resistência. *Carta Capital*, 12/07/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/quinze-anos-depois-lei-10-639-ainda-esbarra-em-desconhecimento-e-resistencia/>. Acessado em: 21/07/2020

CARNEIRO, Sueli. Ideologia Tortuosa, por Sueli Carneiro. *Portal Geledés*, 18/08/2008. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ideologia-tortuosa/>. Acessado em: 21/07/2020

CASO Amarildo. *Wikipédia*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso\\_Amarildo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Amarildo). Acessado em: 21/07/2020

CASO Cláudia Silva Ferreira. *Wikipédia*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso\\_Cl%C3%A1udia\\_Silva\\_Ferreira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Cl%C3%A1udia_Silva_Ferreira). Acessado em: 21/07/2020

GONÇALVES, Juliana. A crise da água no Rio de Janeiro é a necropolítica pela torneira. *The Intercept Brasil*, 21/01/2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/01/21/a-crise-da-agua-no-rio-de-janeiro-e-a-necropolitica-pela-torneira/>. Acessado em: 21/07/2020

HEMPADÃO. A proibição da maconha é racista. *Carta Capital*, 30/11/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-proibicao-da-maconha-e-racista/>. Acessado em: 23/07/2020.

LEITE, Fabiana. Justiça veta vídeo de rap do grupo Facção Central na MTV. *Folha de São Paulo*, 29/06/2000. Disponível em: <https://archive.is/20141101134538/http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u1598.shtml#>. Acessado em: 22/07/2020

MANOEL, Jones. Duas teses sobre a questão racial no Brasil. *Blog da Boitempo*, 28/11/2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/11/28/duas-teses-sobre-a-questao-racial-no-brasil/>. Acessado em: 21/07/2020

MARIELLE Franco. *Wikipédia*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle\\_Franco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle_Franco). Acessado em: 21/07/2020

MENEZES, Bernardo; CUNHA, Vânia. Laudo diz que Maria Eduarda foi morta com dois tiros na base do crânio. *GI*, 03/04/2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/laudo-diz-que-maria-eduarda-foi-morta-com-dois-tiros-na-base-do-cranio.ghtml>. Acessado em: 21/07/2020

MULHER é presa por xingar negra de “macaca” em shopping no Rio de Janeiro. *Carta Capital*, 06/03/2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/mulher-e-presa-por-xingar-negra-de-macaca-em-shopping-no-rio-de-janeiro/>. Acessado em: 21/07/2020

OLIVEIRA, Adriano. Mulher morta após abordagem da PM foi espancada, diz IML em Ribeirão. *GI*, 03/05/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/05/mulher-morta-apos-abordagem-da-pm-foi-espancada-diz-impl-em-ribeirao.html>. Acessado em: 21/07/2020

PAGNAN, Rogério. Governo Bolsonaro exclui violência policial de relatório sobre violações de direitos humanos. *Folha de São Paulo*, 12/06/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/governo-bolsonaro-exclui-violencia-policial-de-relatorio-sobre-violacoes-de-direitos-humanos.shtml>. Acessado em: 21/07/2020

PAULO, Paula Paiva. Justiça absolve PM que matou Douglas, da frase 'por que o senhor atirou em mim'? *GI*, 06/12/2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/justica-absolve-pm-que-matou-douglas-da-frase-por-que-o-senhor-atirou-em-mim.ghtml>. Acessado em: 21/07/2020

PRATES, Fábila. Entrevista com Rosane Borges: “o racismo é um dinamismo do capitalismo”. *Goethe Institut Brasilien*. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/hum/21249390.html>. Acessado em: 21/07/2020

ROCHA, Guilherme Lucio da. Explicando em detalhes: o que é cypher. *Portal Kondzilla*, 01/02/2018. Disponível em: <https://kondzilla.com/m/explicando-em-detalhes-o-que-e-cypher/#materia>. Acessado em: 21/07/2020

ROMANO, Giovanna. Racismo no Brasil é ‘uma coisa rara’, diz Bolsonaro a Luciana Gimenez. *Veja*, 08/05/2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/racismo-no-brasil-e-uma-coisa-rara-diz-bolsonaro-a-luciana-gimenez/>. Acessado em: 21/07/2020

SOARES, Rafael. PM acusado de matar jovem que carregava saco de pipoca no Borel é denunciado à Justiça. *Extra*, 12/06/2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/pm-acusado-de-matar-jovem-que-carregava-saco-de-pipoca-no-borel-denunciado-justica-22771335.html>. Acessado em: 21/07/2020

SUPREMACISTA branco é condenado por matar 9 negros em igreja de Charleston. *O Estado de São Paulo*, 15/12/2016. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,supremacista-branco-e-condenado-por-matar-9-negros-em-igreja-de-charleston,10000094906>. Acessado em: 21/07/2020

TEIXEIRA, Lucas Borges. Jovem morto na Maré não é o personagem da foto que tenta ligá-lo ao tráfico. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2018/06/30/fotos-falsas-de-jovem-morto-na-mare-tentam-liga-lo-ao-trafico-de-drogas.htm>. Acessado em: 21/07/2020

VELOSO, Lucas. Anuário da Violência: 75% dos mortos pelas polícias brasileiras são negros. *Alma Preta*, 10/09/2019. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/anuario-da-violencia-75-dos-mortos-pelas-policias-brasileiras-sao-negros>. Acessado em: 21/07/2020

### **Documentários**

AUTO de resistência. Direção: Natasha Neri e Lula Carvalho. Produção: Lia Gandelman e Joana Nin. 2018

NOTÍCIAS de uma guerra particular. Direção: Kátia Lund e João Moreira Salles. Produção: Raquel Freire Zangrandí. 1999

O rap pelo rap. Direção: Pedro Fávoro. Produção: Pedro Fávoro. 2014

### **Vídeos**

DOLL Test. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tkpUyB2xgTM>